

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES

SAANJH SU KUMAR

Identidades híbridas: a vivência de filhos mestiços

São Paulo

2022

SAANJH SU KUMAR

Identidades híbridas: a vivência de filhos mestiços

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Relações Públicas, apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Kumar, Saanjh Su
Identidades híbridas: a vivência de filhos mestiços /
Saanjh Su Kumar; orientadora, Maria Aparecida Ferrari.
- São Paulo, 2022.
72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Filhos mestiços. 2. Identidade. 3. Cultura. 4.
Multiculturalidade. I. Ferrari, Maria Aparecida . II.
Título.

302.2

CDD 21.ed. -

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Resumo

A exposição a longo prazo à diversidade cultural é uma experiência que mobiliza uma série de transformações na vida dos indivíduos que por ela perpassam. No caso de filhos mestiços, essa experiência nasce da interação familiar, fazendo com que a multiculturalidade atravesse a identidade deles e o seu quadro de referências seja minimamente duplo. O objetivo desta monografia foi conhecer e compreender a formação identitária dos filhos mestiços enquanto indivíduos multiculturais, identificando os impactos da pluralidade cultural em suas vidas. Para tal, foi utilizado como método de pesquisa a História de Vida de três jovens mestiços, cujos pais são de nacionalidades diferentes de primeira geração. Foi possível compreender que a estratégia de aculturação dos pais entre si e entre eles e o país de residência exerce papel fundamental na formação de identidade do filho mestiço e na saúde do relacionamento dele para com os seus quadros de referências. Concluímos que a multiplicidade de referências inerentes ao filho mestiço, causa uma crise de identidade, fazendo com que se sintam fragmentados, incluídos e excluídos dos mesmos grupos ao mesmo tempo. Mas por outro lado, adquire-se uma riqueza cultural e visão de mundo ampla de maneira que os transforma em uma nova via entre o homogêneo e o heterogêneo, uma nova forma de habitar o universo cultural do século XXI.

Palavras-chave: filho mestiço, identidade, multiculturalidade, cultura, história de vida.

Abstract

Long-term exposure to cultural diversity is an experience that mobilizes a series of transformations in the lives of individuals who go through it. When it comes to mixed-race children, this experience arises from family interaction, causing multiculturalism to permeate their identity and make their frames of reference double at the least. The main target of this monograph was to understand the identity formation of mixed-race children as multicultural individuals, identifying the impacts of cultural plurality in their lives. To this end, the Life Story of three mixed-race young adults whose parents are of the first generation of different nationalities was used as a research method. With this research, it was possible to understand that the parents' strategy of acculturation among themselves and between them towards the country of residence plays a fundamental role in the identity formation of the mixed-race child, as well as in their relationship with their frames of reference. It was concluded that the multiplicity of references inherent to the mixed-race child causes an identity crisis, making them feel fragmented, included and excluded from the same groups at the same time. Although on the other hand, cultural wealth and a broad worldview are acquired in a way that transforms them into a new path between the homogeneous and heterogeneous, a new way of inhabiting the cultural universe of the 21st century.

Keywords: mixed-race children, identity, multiculturalism, culture, life story.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 - Estratégias de aculturação.....	21
Figura 2 - Estratégias de aculturação x níveis de estresse em filhos mestiços.....	22
Quadro 1 - Informações sobre os participantes da História de Vida.....	25

Sumário

Introdução	6
1. Cultura, alteridade e identidade	9
1.1 Cultura e identidade cultural	10
1.2 O papel da alteridade na formação de identidade	12
2. A identidade pós-moderna e o sujeito intercultural	15
2.1 Identidade nacional e o sentimento de pertencimento	16
2.2 Expatriação, aculturação e interculturalidade	18
3. Processos metodológicos	23
4. As biografias	25
4.1 Entrevistado 1 - Ayush	25
4.2 Entrevistado 2 - Sofia	37
4.3 Entrevistado 3 - Júlia	51
Considerações Finais	67
Referências	70

Introdução

A globalização tem contribuído para a diluição de fronteiras, a qual, por sua vez, possibilitou encontros culturais múltiplos e uma interação multicultural nunca vivida antes. O filho mestiço é resultado dessa interação, da união de pessoas de nacionalidades diferentes, tornando-se um indivíduo cuja forma de habitar e interpretar o mundo é através da pluralidade de referências que fazem parte de quem ele é.

Dou início a esta monografia contando um pouco sobre a minha história pessoal, a qual incitou a escolha do tema. Sou, originalmente, de Foz do Iguaçu, cidade do Estado do Paraná, Brasil, local turístico e cosmopolita onde convivem 81 etnias diferentes, segundo a Delegacia da Receita Federal em Foz do Iguaçu. Entre elas, estão pessoas da Índia e Taiwan, países de onde são meu pai e minha mãe respectivamente. Ambos se conheceram por acaso e decidiram se unir, dois estrangeiros em um terceiro país, o Brasil.

Nasci em um contexto de pluralidade cultural, tendo sido criada com repertório de três nacionalidades distintas. Durante a primeira infância, convivi com meu pai e minha mãe, porém houve muitos choques na adaptação de ambos, tanto pelas diferenças culturais quanto pelas complicações advindas da deficiência física da minha mãe e, durante a segunda infância, aos 6 anos de idade, eles se separaram e passei a viver com o meu pai.

Meu pai, que migrou para o Brasil aos 21 anos, já tendo uma base e raiz indiana (apesar de se diferenciar bastante em vários aspectos), sempre teve muitas queixas e críticas sobre o Brasil, criando em mim uma barreira cultural. Havia também a necessidade de preservar certos valores indianos e separar a cultura chinesa das minhas referências, fator que também criou conflitos internos.

Minha mãe, apesar de ter emigrado ao Brasil aos 6 anos, tem preservado dentro dela os valores e formas de agir taiwaneses, fator que já se difere de sua irmã, minha tia, que nasceu no Brasil. A convivência que tive com a minha mãe foi esporádica e, apesar disso, identifico em mim, traços de identidade majoritariamente taiwaneses quando se trata de valores e formas de agir e interagir.

Aos 13 anos, migrei para a Índia em busca de aprimoramento acadêmico. Morei na casa dos meus tios paternos durante quase três anos e a experiência da expatriação, mesmo em um país que faz parte da minha ascendência, foi evento

catalisador das crises identitárias que já faziam parte de mim, tendo vivenciado inúmeros choques culturais que afetaram a minha saúde mental profundamente. Antes de completar 16 anos, em função da minha saúde mental, decidi voltar para o Brasil contra a vontade do meu pai. Então passei a morar com a minha mãe, na casa da minha avó taiwanesa.

Durante a minha infância, as referências culturais que pautavam a minha forma de agir estavam sempre alinhadas ao ambiente cultural onde me encontrava, apesar de isso me causar conflitos. Com o meu pai, eu buscava seguir a cultura indiana, com a minha mãe, a taiwanesa e entre meus amigos, com uma mentalidade mais “ocidental”. Na fase adulta, passei a incorporar uma forma própria de habitar meus universos culturais, independentemente de isso causar estranhamento nos momentos em que as atitudes partem de uma mentalidade ou referência diferente dos grupos culturais em que me encontro.

A experiência da alteridade sempre foi cotidiana. Por um lado, eu me identifico com todas as culturas que compõem o meu quadro de referências. Por outro, sinto-me e sou considerada estrangeira dentro de todas elas, não me encaixando por completo em nenhuma.

Seguir somente uma das culturas me faz sentir incompleta, mas seguir todas elas, sendo elas muitas vezes contraditórias entre si, causa sentimento de fragmentação e conflito. A ausência de uma referência cultural única e “estável” tem sido motivo de várias inquietações sobre a minha formação. Em qual cultura eu devo basear as minhas atitudes e valores? Qual é a memória coletiva do agir e pensar que faz parte da minha história e ajuda a entender quem eu sou? Se me reconheço a partir daquilo que não sou, quem sou perante tantos jogos de espelho?

Se por um lado, essa mescla de culturas gera conflitos identitários e choques culturais internos, por outro, reconheço que esse cenário me proporcionou uma visão de mundo ampla, tendo sido exposta a uma diversidade rica de tradições, costumes, culinárias, línguas e religiões. Graças a essa exposição, falo três línguas (português, inglês e hindi), tenho grande abertura e empatia ao diferente e uma boa capacidade de adaptação.

Diante de meu contexto, decidi desenvolver na monografia o tema sobre filhos mestiços e suas identidades. Para isso fiz uma recopilção da literatura e não identifiquei estudos no Brasil que tratassem da temática, apesar do fenômeno da globalização fazer com que esses jovens descendentes sem fronteiras venham a se

tornar cada vez mais frequentes, deixando em aberto dúvidas em relação a quem são e onde pertencem.

Se partimos do pressuposto de que, segundo Dantas (2012), a identidade é construída através da socialização e das interações, formada a partir de um quadro de referências e de memórias compartilhadas dentro de uma cultura, a qual, por sua vez, fornece um repertório de ações e um universo simbólico que influem em um sentimento trivial de pertencimento, qual é o impacto da multiplicidade de referências culturais na formação de identidade dos filhos mestiços?

O objetivo desta monografia foi conhecer e compreender a formação identitária dos filhos mestiços enquanto indivíduos multiculturais, utilizando como método de investigação a história de vida. Para isso, apresento uma discussão sobre a identidade e o papel da cultura e da alteridade na construção identitária. No segundo capítulo, discuto sobre a identidade do sujeito pós-moderno e o sujeito intercultural, discorrendo sobre o impacto da identidade nacional na criação do sentimento de pertencimento e sobre a consequência dos encontros culturais. No terceiro, exponho o método de pesquisa história de vida, assim como os relatos de três filhos mestiços e minha análise sobre a vida e as interferências e ganhos da multiculturalidade na vida dos três jovens. Finalmente, as considerações finais sobre a monografia.

1. Cultura, alteridade e identidade

Antes de falar sobre identidade, é importante reconhecer o cenário no qual ela surge. Apesar de existirmos em um ecossistema complexo, no qual cada espécie exerce uma função relevante sem questionar o entorno, o indivíduo pensante vai além, buscando compreender a sua existência. Se, diante de uma gama de espécies vivendo sob as mesmas condições climáticas e obedecendo às mesmas leis da física, por que somente o ser humano levanta a bandeira da identidade?

Para além da consciência do saber, o que nos diferencia de outras espécies, também humanas, que já habitaram as mesmas terras está principalmente na imensidão quantitativa de indivíduos colaborando entre si. Segundo Harari (2017), nenhuma outra espécie teve a capacidade de reunir tantos seres em uma sinergia colaborativa. Ou seja, o nosso grande diferencial está na capacidade de estimular o convívio e a colaboração de populações numerosas através da habilidade de elaborar ficções (característica exclusiva do *Homo sapiens*) que viabilizaram crenças comunitárias.

Somente diante dessa capacidade é que somos capazes de criar contextos tão complexos como a economia, a política e principalmente a cultura. É apenas nesses contextos, com uma população significativa que coopera entre si independentemente de conhecer uns aos outros, que poderíamos desabrochar questões de identidade. Afinal, quem somos perante a tantos outros seres humanos?

A identidade, apesar de parecer algo que simplesmente 'é', não é inata segundo Jenkins (1996), mas criada através da interação social e essa, por sua vez, permite que o sujeito viva em sociedade. Podemos dizer, portanto, que ela existe somente dentro *de* e *para* uma sociedade e se torna uma questão não só válida, mas inerente aos indivíduos vivendo ativamente no emaranhado social. Como afirma Cuche (1999), é através dela que o indivíduo é capaz de se localizar e ser localizado socialmente.

Sendo algo que se constrói através da interação social, a identidade, segundo Restrepo (2012), se estabelece a partir da diferença, isto é, em contraste com outra coisa. E por isso o autor diz que a identidade e a alteridade são as duas faces da mesma moeda, pois não se pode compreender realmente a identidade sem entender o que está fora, que é a alteridade.

Para Hall (2003) as identidades são construídas mediante a diferença e não fora dela e isto leva a que a identidade seja construída através da relação com o Outro, a relação com o que ele não é, com o que falta justamente, com o que foi chamado seu exterior constitutivo.

Outro aspecto colocado por ambos os autores é de que as identidades são múltiplas e constituem amálgamas particulares e é preciso entender precisamente as contradições, antagonismos e tensões. Por isso a importância de se falar em identidades no plural e não no singular.

Também, vale destacar que as identidades não só se referem à diferença, mas também a desigualdade e a dominação. Hall (2003, p. 18) completa afirmando que “as identidades no jogo de modalidades específicas de poder e, portanto, são mais produto da marcação da diferença e da exclusão desse sinal de uma unidade idêntica e naturalmente constituída”.

1.1 Cultura e Identidade Cultural

Diante das diversas definições de cultura, este trabalho adota a visão de Cuche (1999), que apresenta a cultura dentro das ciências sociais como a capacidade do ser humano tanto de adaptar-se ao meio, quanto o meio adaptar-se a ele. A cultura é, segundo ele, uma produção histórica que se inscreve na relação de grupos sociais entre si e faz-se necessária na compreensão da humanidade amplamente diversa para além de termos biológicos.

A cultura apresenta um quadro de referências e tradições que auxiliam o indivíduo a interpretar seu entorno de forma comum aos outros que pertencem ao mesmo grupo e, segundo Dantas, é a partir do universo simbólico construído que se projetam as ações individuais.

(...) o universo simbólico estabelece uma aliança entre as pessoas, seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido que transcende a finitude da existência individual. O universo simbólico estabelece uma memória de passado e quadro de referência do futuro. Há um sentido que é compartilhado, incluindo suas contradições e idiosincrasias de cada pessoa pertencente ao grupo em questão. (DANTAS, 2012, p. 115)

É importante ressaltar que, apesar da cultura ser construída de forma histórica, ela não é um bloco lógico, imutável, completamente consistente e finalizado, ditando as ações de grupos sociais da mesma forma que fazia há dois

séculos atrás, ou até mesmo há algumas décadas. A própria história a altera, porém não somente; segundo Cuche (1999, p. 176), estratégias de identidade são capazes de “manipular e até modificar uma cultura” dentro de um espaço de tempo, pensamento reforçado por Hall (2011) quando se fala, por exemplo, de identidade de uma nação, como veremos mais adiante.

A nível do dia a dia, a cultura influi nos relacionamentos, na forma de interpretar o mundo e em um sentimento de pertencimento profundo. Poderíamos fazer uma analogia com os óculos, pois se constrói e se consolida no rosto do indivíduo no decorrer de sua vida, o mesmo modelo (sob um ponto de vista comum) usado pelas pessoas ao seu redor. Podendo, porém, ser alterado em trocas culturais a ponto de adquirir um novo formato completamente - nem o que era antes, nem o formato da cultura em que se adentrou.

Isso ocorre porque grande parte da percepção de quem somos, se dá a partir do reconhecimento do outro, ou seja, é através de oposições e do reconhecimento daquilo não somos que fabricamos uma identidade social. A identidade social é, portanto, “ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (...) e o distingue dos outros grupos” sob o mesmo ponto de vista (CUCHE, 1999, p. 177).

Podemos afirmar que existe uma grande ligação entre cultura e identidade, porém, quando se fala dessas noções, não se pode, segundo Cuche (1999), confundi-las. Ambas são construídas através da relação, diferenciando-se pela dimensão desta; uma nos grupos sociais entre si e a outra na interação de indivíduos entre si. Contudo, de forma mais profunda e diante das teorias sobre cultura e identidade cultural, há outros pontos de divergência que, apesar da conexão significativa entre as duas, são essenciais para distingui-las. Cuche coloca a questão do caráter da consciência quando afirma que:

Em última instância, a cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura (...). A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, p. 176, 1999)

São essas oposições simbólicas que capacitam processos de identificação e, quando se fala de identidade dentro do âmbito da cultura, abrimos o tema da identidade cultural que, como sugere o nome, é uma modalidade de distinção baseada nas diferenças culturais. Em outras palavras, a identidade cultural se dá na percepção e compreensão da diferença cultural em relação a um outro grupo.

Segundo a visão de Samuel Huntington (1996, p. 20), que expõe sua opinião sobre as distinções mais significativas ao falar de um contexto pós-Guerra Fria, elas “não são ideológicas, políticas ou econômicas. Elas são culturais. Os povos e as nações estão tentando responder à pergunta mais elementar que os seres humanos podem encarar: quem somos nós?” (apud DANTAS, 2012, p. 340).

A noção de identidade cultural passou por uma metamorfose nas ciências sociais. Vale ressaltar que as diferentes noções não surgiram em linha contínua, de modo a extinguir as anteriores, mas de forma a coexistirem em momentos distintos. A tensão principal se concentra na perspectiva essencialista e a não essencialista.

A começar pelas teorias objetivistas, que compreendiam o senso de identidade baseando-o em heranças biológicas ou culturais inerentes e preexistentes ao indivíduo e sobre os quais ele não teria influência, levando-o a interiorizar o que lhe era imposto de forma histórica. Essas teorias buscavam o preenchimento de um número de critérios determinantes para descrever e definir a identidade.

Posteriormente, surgiram as teorias subjetivistas que definiam o senso de identidade a partir de vinculações e de escolhas, a qual foi problematizada pelo caráter de identificação inteiramente consciente. Finalmente, a concepção relacional, na qual a identidade seria um produto das “interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (CUCHE, 1999, p. 182).

Assim sendo, na noção relacional, a identidade se constrói através da interação e da situação relacional, possibilitando a ela um caráter evolutivo, uma vez que pode se reconstruir ao passo que a situação relacional muda. Nessa noção de identidade cultural, existe um processo de identificação através do qual a identidade deixa de ser um legado estático, o indivíduo torna-se, ao mesmo tempo, influenciado e influenciador.

1.2 O papel da alteridade na formação de identidade

Quando se fala de identidade, pensamos em um “eu sou” que simplesmente é, um fato autônomo e autossuficiente. Mas a necessidade de afirmar o que sou, existe somente mediante a existência de outros que não o são. Afirmar a identidade é exclusivo dentro do contexto de heterogeneidade no qual existimos, uma vez que

toda afirmação é resultado de várias negações; se digo que sou w, implicitamente digo que não sou x, y, z, etc.

Segundo Silva (2014, p. 75), a identidade e a diferença são intrinsecamente ligadas. A identidade existe e é afirmada a partir da diferença, assim como “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade”. Ao afirmar aquilo que o outro é, estou inconscientemente afirmando que ele não é o que eu sou, ou seja, a afirmação da diferença só faz sentido quando se negam outras identidades.

Restrepo (2012) coloca a identidade e alteridade como as duas faces da mesma moeda, pois a existência de ambas são simultaneamente dependentes uma da outra. Discutir a identidade dentro das ciências sociais é automaticamente falar de alteridade. Segundo Woodward (1997), isso acontece porque a identidade tem caráter relacional, ela depende de algo fora dela para existir e se legitimar, uma vez que a alteridade fornece as condições para que a identidade exista.

Todavia, essas condições estão sujeitas às estruturas de linguagem. Os sistemas simbólicos fornecem o espaço através do qual podemos nos posicionar e as ferramentas para que nos posicionemos. Conforme Silva (2014), a identidade e a diferença não são inerentes à natureza, elas são criações inteiramente sociais e culturais e, portanto, são governadas pelos sistemas simbólicos que as compõem.

Segundo Lacan (apud QUINET, 2012), o sujeito, em si, é um vazio, um furo na linguagem, deslizando entre os significantes definidos, em um primeiro momento, pela alienação do “Tu és” do Outro e em seguida pelas próprias identificações. A identidade do sujeito depende de atos de linguagem, posto que a identidade e a diferença precisam ser nomeadas.

Dois pontos cruciais a serem considerados sobre a linguagem aqui são colocados, 1) ela mesma é um sistema de diferenciação e 2) é fundamentalmente instável. Silva (2014) comenta como, para o linguista Ferdinand de Saussure, nenhum signo tem sentido isoladamente, precisando ser posicionado numa cadeia infinita de outros signos que diferem dele para produzir um significado. Em outras palavras, uma marca gráfica ou fonética só adquire valor em contraste com outras; de forma simplificada, definir uma palavra é dizer que ela não é outra.

Nomeamos e posicionamos a nossa identidade por meio de um sistema que por si só está submetido à diferença para que faça sentido. Encontramos, dessa forma, “a noção de diferença como a operação ou o processo básico de

funcionamento da língua e por extensão, de instituições culturais e sociais como a identidade, por exemplo” (SILVA, 2014, p.78).

Ainda segundo Silva (2014), a instabilidade da identidade e da diferença também tem parte de suas raízes na inconsistência da língua, o segundo ponto crucial. Derrida (apud SILVA, 2014), ao falar de "*différance*" refere-se ao signo como uma 'não-presença', uma marca que substitui um objeto, um conceito ligado a um objeto ou um conceito abstrato, prometendo uma presença, mas adiando-a indefinidamente, de modo a obrigar o signo a sujeitar-se ao processo de diferenciação.

Dessa forma, a identidade e a diferença, sendo governadas pela estrutura e propriedades da linguagem são, conseqüentemente, igualmente oscilantes. Hall (2011), ao falar do trabalho de Lacan, acrescenta

Segundo Lacan, a identidade "está estruturada como a língua" - apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. As palavras são sempre "multimoduladas". Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. (...) O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença) (HALL, 2011, p. 41)

A impossibilidade de finalizar um significado totalizante tanto na linguagem quanto identidade é parte reveladora da identificação como processo infinitamente em construção, nunca completado e, assim sendo, não passível de ser ganhado ou perdido, mas vivido justamente na falta de inteireza (HALL, 1996) - conceito oposto à visão essencialista de uma identidade irreduzível.

O exterior constitutivo do sujeito advém da dinamicidade entre a identificação e exclusão, afinal, "as identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história como pontos de identificação e apego *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em exterior" (HALL, 1996, p. 110).

Dessa forma, a alteridade permeia todos os aspectos da identidade ou identificação. Ela é parte da estrutura que governa o conceito e, concomitantemente, que rege seu processo; opera no seu interior e se concretiza no exterior. Segundo Cuche (1999), a identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética.

Vale lembrar que, como a diferença e a exclusão são partes constitutivas da identidade, toda afirmação de identidade revela também um jogo de poder, uma

hierarquização, “pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça” (LACLAU, 1190, p. 33, apud HALL, 1996, p. 110).

2. A identidade pós-moderna e o sujeito intercultural

A identidade, como discutimos anteriormente, não tem em seu núcleo uma espécie de essência. Seria mais prudente dizer que ela não tem núcleo nenhum, uma vez que se constrói e se reconstrói continuamente no decorrer do tempo, funcionando como pontos de identificação e exclusão, podendo adquirir formas inteiramente diferentes das anteriores (HALL, 2011)

Esse processo, inserido na pós-modernidade, contexto do início do século XXI, adquire uma dimensão muito mais intensa. Hall (2011) expõe que nos deparamos com uma grande mudança estrutural que permeia todas as dinâmicas de ser, a qual passa a instabilizar as referências de mundo público que usávamos para estabelecer e construir o mundo pessoal. O que antes eram vistas como localizações e referências sólidas a partir das quais podíamos posicionar a identidade do indivíduo social e, ao mesmo tempo, internalizar seus valores, passam a ser inconstantes, móveis e variáveis, causando um “duplo deslocamento” no sujeito. Ou seja, ele passa a viver uma fragmentação interna e externa.

Segundo Hall (2011, p. 9), “esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo” e é essa crise que, não somente caracteriza a identidade do sujeito do início do século XXI, mas também pauta a compreensão de identidade na pós-modernidade em contraposição a outras concepções de identidade.

Na visão de Hall, há três momentos que permeiam a compreensão de identidade, sendo elas a concepção do sujeito do iluminismo, regido pela razão e com um núcleo auto suficiente e intacto em sua essência ao longo da existência do indivíduo. O segundo momento é do sujeito sociológico, cujo “centro” passa a ser formado na relação com outras pessoas, de forma a manter a ideia de núcleo, mas compreendendo-o como algo construído e modificado na interação entre o eu e a sociedade e, portanto,

(...) preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados

e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2011, p. 12)

Por fim, a concepção do sujeito pós-moderno, governado pela instabilidade natural interna, reforçada pela volatilidade e variabilidade externa. O indivíduo passa a se tornar fragmentado e composto por múltiplas identidades multidirecionais e multidimensionais.

O que ocorre na modernidade tardia é a multiplicação de representações culturais e sistemas de significação possíveis, abrindo portas para um labirinto de identidades, às vezes contraditórias entre si, mas com as quais podemos nos identificar simultaneamente, mesmo que por um curto período de tempo (Hall, 2011).

O indivíduo reflete em si o estilhaço identitário que a pós-modernidade apresenta, uma vez que o próprio centro dessa estrutura é deslocado e substituído por uma pluralidade de centros de poder. As “identidades” tanto individuais quanto externas passam a ser complexas e variáveis. Segundo David Harvey, a modernidade é “caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior” (1989, p.12 apud Hall, 2011, p. 16).

2. 1 Identidade nacional e o sentimento de pertencimento

Apesar da fragmentação que a pós-modernidade causa no indivíduo contemporâneo, ainda permanecem abertas algumas questões relativas a referências de identidade e pertença a grupos considerados “nós” em oposição aos “eles/outros”. Falar de identificações incita pensamentos sobre identidades culturais e nacionais, as quais supostamente deveriam nos proporcionar um sentimento de pertencimento, compreensão e visão de mundo compartilhados. Crescer e ser socializado em uma cultura implica, segundo Dantas (2012, p. 115), uma “incorporação marcante de formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos”.

A narrativa da nação conecta a monotonia do cotidiano individual com um passado nacional e um futuro que segue existindo após a nossa morte. Ela produz sentidos com os quais podemos nos identificar e, a partir dessa identidade compartilhada, influencia na organização de nossas ações e concepções de nós mesmos ao passo que proporciona um “pertencer” profundo. Segundo Shwartz

(1986, p.106), “uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar sentimento de identidade e lealdade” (apud Hall, 2011, p.49).

Contudo, o autor expõe o dispositivo da “identidade nacional” também como uma tentativa de impor uma hegemonia cultural mais unificada e a fervorosidade pela busca da generalização. É impreciso, na visão de Hall (2011, p.62), enxergar a identidade nacional como unificada, uma vez que ela é composta de grupos, classes, gêneros, tradições, etnias e costumes diversos. Segundo o autor, “não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridas culturais” e, portanto, não poderiam ser reduzidas a um único rótulo.

Temos um “paradoxo” ou uma “ambiguidade”, pois a identidade nacional, por um lado, produz um discurso genérico em busca de uma unicidade falha, a qual ignora a pluralidade de culturas e sistemas de representação que existem em um território delimitado por fronteiras simbólicas. Por outro lado, visto através da lente da psicologia, a internalização do sentimento compartilhado de pertencimento, de localização simbólica e entendimento de mundo da identidade nacional e cultural, fornecem uma base, uma memória compartilhada e um quadro de referências coletivo para a projeção de ações individuais (Dantas, 2012).

É possível observar o impacto da internalização da identidade nacional e cultural em processos de expatriação que expõem o indivíduo ao contato contínuo com uma cultura distinta, divulgando um sentimento de alteridade marcante, conflito e crise, além de expor a influência que a cultura de origem teve na forma de agir e pensar do indivíduo que nela se desenvolveu.

Ao mesmo tempo que a identidade do sujeito pós-moderno está sempre em construção, ele se reconhece dentro de uma configuração cultural que, em nível macro, cria um sentimento de pertencimento que é somente reconhecido e, concomitantemente, posto em cheque quando se adentra uma configuração cultural diferente, revelando a sua alteridade e parte da sua identidade. O estresse de aculturação exterioriza o sentimento de pertença à cultura de origem que antes era posto como natural.

Questiono aqui se existem dois tipos de fragmentação do sujeito. Estabelecemos que o sujeito pós-moderno vive uma fragmentação contínua e que sua identidade não é íntegra e, portanto, a crise é parte integrante de sua individualidade. Entretanto, essa crise é acentuada em situações de transição

cultural. Diante deste contexto, desenvolvi, nesta monografia, dois conceitos, a saber: a micro-fragmentação (crise do cotidiano do sujeito pós-moderno) e a macro-fragmentação (crise de vivências entre-culturas e entre-nações).

Se o sujeito pós-moderno habita diversas “caixinhas identitárias” ao mesmo tempo, devido à multiplicidade de identificações possíveis dentro do seu universo simbólico, ao transportá-lo para outra cultura, as possibilidades não só aumentam, como mudam completamente de forma, pois se materializam segundo diferentes visões e interpretações de mundo próprias da cultura local. O indivíduo adentra um novo universo simbólico que precisa ser vivido de forma completamente diferente.

Neste contexto, apresento uma questão para a discussão: como é vivida essa identidade nacional e cultural pelo filho mestiço (filhos de pais de nacionalidades diferentes) que respiram a multiculturalidade durante todo o seu percurso de formação? Eles vivem essa macro-fragmentação ao cruzar fronteiras culturais diariamente e fronteiras geográficas com frequência? Ou os seus espaços subjetivos internos abrem portas para compreender o mundo de forma intercultural? Essas questões serão tratadas nos próximos tópicos da presente monografia.

2.2 Expatriação, aculturação e interculturalidade

Como aponta Dantas (2012), o migrar sujeita o indivíduo a dinâmicas de tensão entre desterritorialização e reterritorialização, colocando-o em situações de negociação interna constante, visto que a experiência da ruptura do universo simbólico anterior resulta em sentimento de crise. O indivíduo passa por múltiplas perdas, tanto simbólicas (costumes, tradições, língua, compreensão das normas que regem as interações sociais, memória social coletiva, etc) quanto objetivas e concretas (família, amigos, espaços conhecidos, etc), além de precisar se reinventar dentro da cultura em que adentrou.

A crise causada pelos resultados de perda com a migração, segundo Bion (1994, apud Dantas, 2012, p.120), pode levar o indivíduo a duas possibilidades, “à catástrofe ou ao desenvolvimento criativo em seu mais profundo significado, o enriquecimento do Eu, o ‘renascimento’”. Posto que a identidade apenas se torna uma questão quando se está em crise, a forma como se lida com ela pode resultar em uma ressignificação de referências simbólicas - sendo catalisadora de uma

transformação positiva - ou em uma crise insuperável que permeia diversas camadas do ser.

No caso de filhos mestiços - ao fazer a recopilação da literatura, eu não encontrei nenhum trabalho científico que tratasse sobre essa temática e, portanto, a interpretação e conceitos aqui colocados são resultados da minha análise e vivências - essa dualidade não requer a migração para ser vivenciada, ela vem da interação familiar. A multiculturalidade permeia a sua identidade de forma que o seu quadro de referências é minimamente duplo (cultura dos pais + país em que reside; cultura da mãe + cultura do pai; ou ainda a cultura da mãe + cultura do pai + cultura do país em que residem).

As identificações do filho mestiço já partem de choques culturais e essa variedade de referências simbólicas tanto podem colocar as identidades em conflito umas com as outras, quanto se tornarem entrelaçadas, podendo fornecer um dossiê de escolhas para diferentes situações, com a possibilidade de vestir-se de identidades distintas conforme requer o contexto, assim como ocorre com o bilinguismo, no qual

(...) o uso de determinado código durante um evento de fala não é decorrente de uma escolha aleatória, mas de um processo dinâmico que associa as capacidades naturais dos falantes a fatores sociopsicolinguísticos, específicos de uma comunidade ou evento de fala. Ao efetuar uma mudança de código, os interlocutores estão marcando sua posição no contexto social e, ao mesmo tempo, sinalizando suas intenções discursivas, de forma a veicular a mensagem significativamente (MELLO, 1999, pp. 93-94, apud FLORY, 2012, p. 309)

É importante ressaltar que mesmo se dispondo da capacidade de negociar entre as identidades, elas não são devidamente delimitadas. Ao lidar com a pluralidade cultural é preciso partir de uma construção de cultura própria, um hibridismo cultural, autêntico e pessoal. Segundo Weissmann (2018),

O indivíduo precisa fazer sua própria adaptação e construir sua própria forma de morar nesses universos cruzados pelas semelhanças e diferenças. (...) Isso pressupõe um processo psíquico de adaptação e criação de uma cultura própria que dê conta de todo o aprendido e incorporado, assim como do excluído e afastado” (WEISSMANN, 2018, p. 23)

Essa construção de cultura individual abre o espaço para falarmos da interculturalidade, conceito que, segundo Weissmann (2018), exprime um conviver de culturas distintas que celebra a diferença. Não se pode dizer que indivíduos em contextos multiculturais são, automaticamente, interculturais. A multiculturalidade, ainda segundo Weissmann (2016), representa uma condição de coexistência de

múltiplas culturas, enquanto a interculturalidade parte de uma interação e negociação saudável entre as culturas que compõem o cenário e requisita uma estratégia de aculturação que a incentiva.

Na visão de Méndez (2013, apud WEISSMANN, 2016), toda construção intercultural é uma combinação inesperada e complexa dos elementos envolvidos, cujo processo é a mestiçagem - uma combinação de elementos heterogêneos que conservam sua particularidade. Nouss (2002, p.104), ao falar desse processo, também expõe o caráter de junção de elementos distintos sem obstruir suas diferenças. Segundo ele, "na mestiçagem, os componentes se encontram, se unem, se recompõem ou compõem um novo conjunto sem perder sua integridade, sua singularidade".

A interculturalidade, portanto, é um espaço onde as culturas se encontram, simultaneamente, em conflito e diálogo e usam a diferença como ponto de equilíbrio interpretativo, buscando negociações e entrelaçamento. Ser intercultural é abrir espaço para interação e integração, de conversa entre as diferentes culturas para uma transformação cultural, criando estruturas criativas e novas (Weissmann, 2016). Interculturalidade pressupõe multiplicidade e, portanto, nunca pode ser totalizada e muito menos homogeneizada. Ela nasce e floresce a partir do dialogismo das diferenças e tornar-se intercultural depende de estratégias de aculturação que estimulam esse diálogo.

Existem quatro estratégias de aculturação defendidas por Berry (1997, 2005, apud GONZÁLEZ e OLIVEIRA, 2011), sendo elas: assimilação, separação, integração e marginalização, as quais evidenciam o espectro de interesse em manter a herança cultural de origem a adotar a do país em que se vive. Assim, o sujeito pode adotar a estratégia da, 1) assimilação, na qual ele abre mão de sua cultura de origem e adota a majoritária; 2) integração, mantendo a cultura de origem e, ao mesmo tempo, adotando a cultura do país em que reside; 3) separação, evitando a cultura do país em que se reside, preferindo conservar a cultura de origem; 4) marginalização, mantendo-se distante (por escolha ou incapacidade) da cultura de origem e da cultura do país em que se reside, concomitantemente.

Analisando as estratégias como um espectro e colocando-as em um extremo, o indivíduo que passa por uma crise de identidade devido ao conflito de culturas, poderia, teoricamente, tornar-se integrado ou marginalizado (alcançar a ampliação do self ou perpassar uma crise insuperável). Dantas (2012, p.118) salienta como "no

caso de marginalização, o indivíduo fica como que suspenso, geralmente num estado de conflito pessoal e social entre as duas culturas”, sentindo-se deslocado em qualquer lugar e podendo desenvolver problemas de saúde mental devido a essa crise. Já no caso da integração, existe uma capacidade de fazer com que as culturas que compõem o quadro de referências do sujeito conversem e abram espaço para um enriquecimento cultural. Poder-se-ia dizer que esse indivíduo “integrado” adota uma estratégia de interculturalidade, o que pode ser observado pela Figura 1.



Figura 1 - estratégias de aculturação
Fonte: autora desta monografia

Vale ressaltar que as estratégias de aculturação não são excludentes, como salienta Dantas (2012, p.119). Elas podem coexistir em situações sociais diferentes. A autora usa de exemplo a “assimilação econômica (no trabalho), integração linguística (bilinguismo) e separação no que concerne à parceria conjugal (endogamia)”.

Cada uma dessas estratégias pressupõe níveis diferentes de estresse de aculturação, visto que regem a dinâmica de ações do indivíduo perante a sociedade em que vive e, conseqüentemente, ordena parte de como a sociedade reage a ele. Para ilustrar, há abaixo uma adaptação da proposta de Sánchez, Spector e Cooper (2000, apud GONZÁLEZ e OLIVEIRA, 2011, p.1126) que conversa com as estratégias apresentadas por Berry, de forma a traduzir a proposta para o cenário de filhos mestiços.

No caso dos filhos mestiços, é importante destacar que os níveis de estresse também são influenciados pelo nível de aculturação dos pais ao país de destino, uma vez que a estratégia adotada por eles exerce parte importante na exposição que os filhos terão às culturas das quais descendem, bem como a abertura da família à diálogos entre as culturas, conforme aponta a Figura 2.

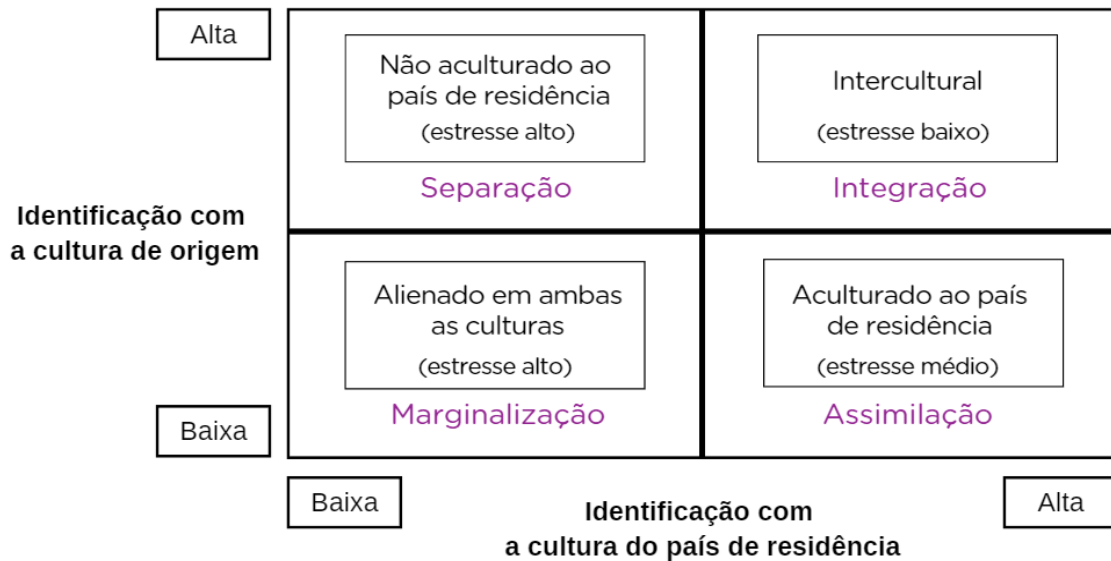


Figura 2 - Estratégias de aculturação x níveis de estresse em filhos mestiços.
Fonte: adaptação da proposta de Sánchez, Spector e Cooper (2000, apud GONZÁLEZ E OLIVEIRA, 2011, p.1126)

A Figura 2 apresenta uma proposta para entender as estratégias de aculturação e a relação que elas têm com o nível de estresse sentido nos filhos mestiços. Como podemos observar nos quadros superiores, quando a identificação com a cultura de origem é alta, a probabilidade é que ocorram dois comportamentos inversamente proporcionais: a separação, caso a identificação com a cultura do país de residência seja baixa, fazendo com que o estresse sentido seja em nível alto, ou a integração, caso a identificação com a cultura do país de residência seja alta, causando baixo estresse. Por outro lado, quando a identificação com a cultura de origem e a do país de residência forem, respectivamente, baixa e alta, há a possibilidade de uma assimilação, causando estresse em nível médio no indivíduo, uma vez que ele abre mão de um lado de sua cultura e assimila a do país de residência. Por fim, quando a identificação da cultura de origem e da cultura do país

de residência forem baixas, a possibilidade é de que haja a marginalização do indivíduo, ou seja, ele se sente alienado em ambas as culturas

Portanto, percorri esse caminho sobre os tipos de identidade e fragmentação, resultados de diferentes estratégias de aculturação quando colocados em situação de interação entre culturas para melhor compreender os relatos dos filhos mestiços apresentados nesta monografia. É preciso olhar para estas experiências através da compreensão da influência da contemporaneidade nas identidades dos indivíduos e da tendência de dialogismo cultural advindo do contexto cada vez mais multicultural do século XXI.

Processos metodológicos

Dado que esta monografia busca trazer as experiências subjetivas de filhos mestiços com o objetivo de conhecer e compreender suas formações identitárias enquanto indivíduos multiculturais, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, visto que, segundo Moon, Dillon e Sprenkle (1990, apud VENEZIANO, 2011, p.35), essa abordagem busca compreender o significado de um evento complexo do ponto de vista dos participantes envolvidos.

Devido a escassez de estudos direcionados à filhos mestiços e à complexidade dessas vivências no Brasil, a pesquisa não poderia ser reduzida a dados numéricos, uma vez que existem detalhes importantes advindos da subjetividade dessas experiências. Portanto, uma análise mais profunda e construída a partir da interação entrevistador-entrevistado poderá garantir os resultados esperados.

A pesquisa utilizou o método História de Vida com abordagem temática, o qual busca compreender o universo em que o sujeito está inserido através de sua trajetória de vida e da forma como ele/ela a narra. O objetivo principal da história de vida é acessar a realidade que ultrapassa o narrador, reconhecer os vínculos entre a história individual e a coletiva, dando luz à conjuntura social onde vive (Silva et al, 2007). Esse método também possibilita, segundo Veneziano (2011), que o número de casos investigados seja menor, contanto que sejam minuciosamente analisados.

É importante ressaltar que esse método exige muito respeito para com os relatos. Segundo Ribeiro e Machado (2014, p. 582),

O grande desafio é o de transmitir a fala do outro com o mínimo de interferência possível, respeitando seus valores e suas vivências. Os

conceitos e ideias levantados devem ser tratados com grande respeito e a maior responsabilidade é a de interpretá-los de forma a não modificá-los, mas, sim, destacá-los com a sensibilidade de um ouvinte disposto a aprender com a experiência e conhecimento do outro.

Como trata-se de compreender a construção de identidade, a proposta é explorar os relatos do passado, ou seja, as reconstruções de memórias através do ponto de vista de quem se é no presente. Pretende-se fazer uso do dispositivo “História de vida” juntamente com uma abordagem temática, de forma a produzir entrevistas mais focalizadas no tema estudado.

Por meio das entrevistas, o entrevistador deve ouvir de forma ativa e incentivar que o indivíduo conte sua história livremente, realizando questionamentos que julgue importantes para melhor compreender o relato dentro do contexto estudado.

Participantes

A seleção de participantes teve dois critérios: a) ter pais de nacionalidades diferentes de primeira geração e b) ter passado pela experiência de ter morado/visitado um ou mais países da origem dos pais.

Por me enquadrar no cenário que pesquiso e viver um contexto de rede social multicultural, os indivíduos entrevistados foram contatados diretamente por mim, por meio dessa rede, através do que chamamos de método “bola de neve”, isto é, quando um entrevistado indica um segundo e este um terceiro e assim sucessivamente.

Visto que a metodologia exige informações detalhadas de cada participante, foi orientado que escolhessem pseudônimos de forma a manter seu anonimato e sua privacidade. O Quadro 1 traz informações de cada participante e as nacionalidades que compõem o grupo de jovens entrevistados.

Os encontros foram feitos de forma remota, através de vídeo chamada, com dois participantes e presencialmente com um. As entrevistas foram gravadas e categorizadas em tópicos para a análise de acordo com o material coletado de cada entrevista. O tempo de duração de cada encontro foi de aproximadamente duas horas, tendo feito entre 1 e 2 encontros com cada participante.

	Entrevistado	Idade	País onde nasceu	Nacionalidade da mãe	Nacionalidade do pai

1	Ayush	28	Brasil	Argentina	Indiano
2	Sofia	20	Brasil	Brasileira	Taiwanês
3	Julia	26	Brasil	Brasileira	Libanês

Quadro 1 - Informações sobre os participantes da História de Vida

4. As biografias

Os entrevistados foram orientados a contar sobre suas histórias de vida, narrando momentos que julgaram marcantes, com enfoque na temática da interação cultural. No texto abaixo são descritas as falas e, em seguida, são analisadas à luz do referencial teórico desta monografia.

4.1 Entrevistado 1 - Ayush

- Sexo: masculino
- Idade: 28 anos
- Estado civil: casado
- Nacionalidade: brasileiro
- Nacionalidade da mãe: argentina
- Nacionalidade do pai: indiano

Família

Ayush nasceu em Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, Brasil, cidade cosmopolita e fronteiriça com Argentina e Paraguai, já caracterizada pelo convívio multicultural. Sua mãe, argentina, foi ao Paraguai para tentar a sorte como cozinheira e trabalhou em um hotel quando conheceu o pai de Ayush, um hóspede indiano que estava no mesmo hotel. A história deles se iniciou mediante o sentimento comum de 'ser estrangeiro' em um terceiro país e quadro de referências em que Ayush cresceu é, inicialmente, triplo: argentino, indiano e brasileiro.

O pai de Ayush é da segunda geração de refugiados, historicamente expulsos da região de Punjab, na Índia, fato causado por disputas religiosas da época. A família passou a morar no estado de Bihar, onde o pai nasceu. Apesar dessas

disputas, do perigo de ser a primeira vítima dos ataques e invasões e da onda de pessoas que se convertiam ao islamismo, a família paterna manteve elementos culturais de Punjab, incluindo a religião hindu.

Cada estado da Índia tem peculiaridades culturais muito marcantes, sendo as de Punjab memoráveis pela presença das personalidades e tradições extravagantes, alinhado ao fato de ser um estado militarizado e o povo Sikh, um povo bélico e intenso. Portanto, ao migrar para o estado de Bihar, a família adotou a estratégia aculturativa da separação, ou seja, continuou mantendo as tradições de Punjab e a nostalgia da perda de suas terras.

Segundo Ayush, o conflito de pertencimento e de identidade se inicia, portanto, na geração do pai, que cresceu em um ambiente diferente do contexto social da cidade onde nasceu, vivenciando a manutenção de costumes e tradições de Punjab dentro de casa e pouco se reconhecendo na identidade de Bihar. Dessa forma, seu pai passa a se identificar mais fortemente com a cultura do estado de origem e em menor grau com o local de residência e passa a enfrentar uma barreira cultural entre a casa e a sociedade, fazendo com que o seu conflito de identidade se enquadre como uma macro-fragmentação. Neste ponto, Ayush afirmou que:

“Quando perguntam ao meu pai de onde ele é, ele responde ‘eticamente Punjab’, vem primeiro isso e depois que nasceu em Bihar, porque Bihar tem pouca capacidade de descrever quem é o meu pai em questões culturais”

No caso da mãe, ele comenta que não houve evento abrupto que afetasse a visão de identidade dela, uma vez que migrou dentro da América Latina. Segundo ele, a mãe se sente pertencente “como grande parte dos argentinos” que foram para outros países da região, tendo uma identidade mais clara.

Apesar de ter migrado entre países da América Latina, o processo de expatriação é naturalmente vivenciado ao se mudar de um país para outro. Entretanto, segundo Ayush, não foi um fator que causou conflito de identidade em sua mãe. Isso levanta a possibilidade de uma tendência a um processo de convivência de diferentes padrões e valores que levam a um contexto intercultural por parte da mãe, fator que pode ser reforçado se pensarmos na união matrimonial com alguém de uma terceira cultura, bastante diferente das que compõem seus quadros de referências.

Ambos os pais migraram para trabalhar; a mãe para tornar-se cozinheira e o pai graças a uma oferta de trabalho. O fato de terem nacionalidades diferentes e estarem em um terceiro país fez com que os elementos da multiculturalidade e a migração fossem partes integrantes da dinâmica familiar. Ayush se mudou diversas vezes entre Brasil, Argentina e Paraguai durante o percurso de vida (tendo feito um percurso de Brasil-Argentina-Brasil-Argentina, respectivamente, durante a primeira infância e Paraguai-Argentina-Brasil na adolescência e vida adulta). Ayush, portanto, não só vivenciou a diversidade cultural dentro e fora de casa, mas também passou pelo processo de expatriação no decorrer de sua vida.

Língua

A língua falada em casa foi sempre o espanhol, apesar de ter tido exposição ao português na primeira infância. Ele comenta como essa dupla exposição criou uma mistura em sua mente, situação que retardou o desenvolvimento da fala. Ayush aprendeu a falar com quatro anos de idade e revela que desenvolveu um “portunhol totalmente errado”. A assimilação da língua, segundo ele, teve influência significativa do pai, cujo espanhol é marcado por características “muito fortes de estrangeiro”, além de ser misturado com o português. Ayush aprendeu a ler e escrever o hindí, a língua oficial da Índia, mas não fala a língua. Com o pai, Ayush aprendeu a falar inglês.

Apesar do espanhol ser a primeira língua da mãe e de ter crescido na América Latina, Ayush assimila as dificuldades do pai no quesito linguagem, revelando uma tendência de identificação maior com o universo cultural do pai.

Ayush expõe que falava os três idiomas (português, inglês e espanhol) de forma errada e sempre foi considerado um estrangeiro, sinalizando a língua e o sotaque como fatores determinantes da sua alteridade. Segundo Veneziano (2011, p. 84), “o domínio da língua é, de fato, um facilitador significativo da interação social”, portanto o não domínio atua como denúncia de seu estado ‘não-nativo’. O sotaque também variou com as mudanças de países, passando de um ‘portunhol’ para argentino e atualmente com mais características do português, pelos anos que está no Brasil.

A variação de sotaque de acordo com o país em que viveu pode revelar uma adaptação em relação aos grupos sociais de cada local, uma dinâmica recíproca entre a influência externa (de convívio com sotaques e formas de falar diferentes) e

a capacidade de adaptação natural para se integrar ao local, visto que conviveu com línguas e sotaques diferentes dentro de casa e migrou diversas vezes no decorrer de sua vida, precisando desenvolver uma forma de adaptação própria.

Ayush reflete sobre a relação que tem com as línguas espanhol e português, evidenciando que o uso é intencional em situações diferentes. Ele comenta que, por ter sido criado com o espanhol no dia a dia, essa é a língua que utiliza para uso coloquial, para piadas e para falar sobre questões como sentimentos e emoções. Já o português o deixa mais confortável para lidar com e falar sobre assuntos mais complexos, dada a formação acadêmica no Brasil e afirmou que:

“Cada idioma é um universo de léxico né, e a gente se sente mais confortável com diferentes situações”

Pode-se observar o uso da linguagem como forma de posicionamento identitário, vestindo personagens diferentes ao conscientemente alternar entre as línguas que fala. Segundo Flory (2012), indivíduos bilíngues ou políglotas, usam as trocas de códigos linguísticos como marcação de posição no contexto social, sinalizando intencionalmente seus objetivos discursivos. Ambos os idiomas, espanhol e português marcaram referências distintas de quem Ayush é e foi, revelando o repertório que cada linguagem tem em sua identidade e o uso em diferentes situações se torna uma forma de se comunicar significativamente.

Migração e preconceito

Pela condição financeira da família durante a primeira infância, Ayush sempre estudou em escolas locais, diferentemente dos amigos estrangeiros que tinham a possibilidade de frequentar escolas internacionais ou bilíngues, cujo preparo era melhor para lidar com a adaptação multicultural. Segundo ele, além de ser desinibido, ter sido colocado nessas situações é um dos motivos do porquê se adapta muito bem atualmente. Ele comenta que gosta do diferente e se adaptar faz parte da sobrevivência. Os pais também estimulavam uma atitude de aprendizado em situações desconhecidas. Ele afirmou:

“não sabe o idioma, vai lá aprende’, nunca tive integração”

Além da mentalidade dos pais de adaptação e confiança de que a vivência seria o melhor educador, Ayush também demonstra uma atitude de tranquilidade para com o diferente e disposição a interagir e aprender. A exposição em que os pais colocaram Ayush e sua predisposição para lidar com o desconhecido, possivelmente pelas vivências multiculturais dentro do corpo familiar, contribuíram para um hibridismo cultural em que ele cria sua própria adaptação e forma de morar e visitar os diferentes universos culturais em que se encontra.

As migrações durante a primeira infância eram decisões inteiramente dos pais, sem que Ayush soubesse o que estava acontecendo e para onde estava indo. Isso, porém, não foi algo que teve grande impacto nele, como afirmou:

"Eu nem sabia muito onde estava indo [risos] tipo eu ia e meus pais diziam tá, vamos mudar e eu nem entendia, eu tinha uma infância muito como, sei lá dizer, eu era muito nerd na infância, eu ficava falando de golfinho, de animal planet. Tem crianças que são muito conscientes do seu entorno, sabem quem é tio e tia, onde estão, escola e tal - eu não. Isso eu acho que me ajudou né. Eu ficava no próprio mundo, coisas na própria cabeça e essas coisas mais de países e tal eu tinha deixado mais em segundo plano"

É interessante a compreensão de Ayush sobre a 'consciência do entorno' e sobre não ter essa consciência, sendo ela instituições como a família e a escola. Possivelmente, essa atitude de imersão em seu próprio universo de interesses a ponto de desligar-se do entorno foi causada pelas migrações frequentes desde sua primeira infância, criando um senso de desenraizamento profundo, sendo suas localizações estáveis a família direta e os interesses imersivos.

Ayush comenta que sempre foi comum ser discriminado por nativos dos países que visitava ou morava, não somente em decorrência das mudanças, mas por ser "diferente". Segundo ele, a discriminação é inerente ao ser humano, mais ainda entre as crianças "sem educação", cujo "natural" "é ver o diferente, apontar, dar risada ou chorar". Para ele, a atitude de aceitação em relação ao diferente é algo que se ensina em casa. Ele ressalta, porém, que apesar de vivenciar diversos cenários de preconceito, esses ocorridos não tiveram peso. E comentou:

"eu me lembro quando eu era criança na Argentina, com 5, 6 anos, me discriminavam porque eu era brasileiro e eu não tinha nada do Brasil, eu nem falava português direito. Eu não me recordo tão bem porque"

tampouco era uma discriminação estruturada, não era a Alemanha Nazi né, simplesmente diziam ‘ah você é brasileiro blablabla’ e ‘ah que ruim ser brasileiro’, mas eles nem sabiam onde está o Brasil porque é crianças de 6 anos, só davam risada pelo fato de ser brasileiro e eu nem era brasileiro! Nem entendia o que estavam me xingando, entende? Mas era mais o fato de criar... é... se algum coleguinha tem pele verde, vão discriminar dele, é natural. E o que eu senti era isso, quando as pessoas iam ficando mais adultas, iam ficando mais corretas, iam dizendo ‘okay, não sei de onde você é, mas é errado fazer isso’, eu senti muito mais educação da casa, mais importante do que deixar espontaneamente as interações (...) mas eu insisto, a discriminação, não sei se foi pela minha personalidade ou foi porque realmente não foi tão importante na minha vida”

Partindo do conceito de identidade de Cuche (1999), o ato de discriminar e excluir revela uma afirmação de identidade por parte das pessoas que se identificam como parte do mesmo grupo e a exclusão daqueles que não o fazem. Sua identidade cultural é marcada e seu estrangeirismo, sentido em todos os lugares. Ao sofrer preconceito, Ayush foi excluído dos grupos culturais com os quais conviveu e ele, por sua vez, construiu a sua identidade a partir da forma como se localizava dentro desses grupos, aceitando e convivendo com a sua alteridade.

Ter uma família intercultural e que incentiva o contato e a interação com outras culturas foi espaço de criação saudável para a aceitação e integração para com o diferente. Ao falar de discriminação, portanto, Ayush coloca bastante ênfase na tendência da aceitação ou não aceitação como resultado do que se ensina em casa, revelando a sua própria educação dentro de um cenário culturalmente múltiplo.

Possivelmente por se enquadrar em uma identidade multifacetada que não poderia ser reduzida ao local onde nasceu ou a apenas uma das identidades que compõem quem ele é, observa-se, ao sofrer preconceito por não ser argentino e especificamente brasileiro, além do desenraizamento, a negação da identidade brasileira.

Diante da diversidade cultural de Ayush, era natural, para ele, que tentassem classificá-lo, fazendo-o assumir identidades diferentes em contextos diferentes, mas de forma a manter a identidade latino-americana. Quanto a isso, ele relatou que:

“As pessoas, como, tentam sempre classificar, em certos momentos da vida; quando estava na Argentina eu era brasileiro no primeiro momento. Quando eu fui no Paraguai eu era considerado argentino; nunca me consideraram indiano, só poucas vezes e os que me

consideravam indiano normalmente eram pessoas que tinham algum conhecimento da Índia, por exemplo, um amigo meu Russo me chamava de indiano porque ele sabia onde era a Índia, ele sabia a cultura indiana, mas para o cidadão médio, paraguaio, argentino, eu sempre era da fronteira e por consequência disso eu era tratado de forma diferente em cada país”

Em um cenário de expatriação é comum que ao retornar ao país de origem, o indivíduo se sinta, em algum nível, como um estrangeiro. Mas migrar entre países e carregar consigo ascendências diversas ao mesmo tempo marca a alteridade em todos os espaços. Poder-se-ia dizer que ele era da fronteira literal e metaforicamente por não se enquadrar em nenhuma nacionalidade de forma completa e isso também é causa de um desenraizamento cultural e social.

Outras situações de preconceito também foram vividas no Paraguai, onde morou durante oito anos (dos oito aos dezesseis anos). Esse período foi dividido em dois momentos. O primeiro foi marcado pela vontade de distanciamento e alteridade de Ayush, bem como parte de sua identidade argentina que, como ele comenta, é um jeito de agir “característico”, “arrogante”, que incitou maiores circunstâncias de discriminação e estranhamento por parte dos círculos sociais no Paraguai. Nesse primeiro momento, ele reconhece que ‘vestiu’ a sua identidade argentina e, por isso, o seu estrangeirismo é grifado e causa maiores situações de preconceito.

Ayush contou sobre um dos choques que sentia com os amigos paraguaios com frequência, a normalização das tradições em família. Ele comenta como os paraguaios sempre tinham planos com familiares aos domingos, por exemplo, enquanto os amigos estrangeiros, assim como ele, não tinham esse costume e isso o causava estranhamento e disse:

“As pessoas locais costumam ter compromissos familiares e eu sempre me sentia muito fora de situação com a vida cotidiana das pessoas”

Outra questão que se pode observar é a sinalização da diferença de Ayush das “pessoas locais”. Segundo Hall (2003), a identidade é criada na relação com o Outro, com aquilo que ele não é e Ayush afirma a sua identidade completamente desenraizada e global quando se coloca como ‘não local’.

No segundo momento vivendo no Paraguai, durante a sua adolescência, Ayush entrou em uma imersão adaptativa com o país e buscou aprender o guarani e

se integrar na sociedade, fator que colaborou na diminuição da discriminação que antes sofria. Todas as outras mudanças de países a partir de então tornaram-se escolhas conscientes dele.

Em um primeiro momento no Paraguai, então, ele adotou a estratégia da separação, reafirmando a sua identidade argentina e se distanciando do cotidiano local, enquanto que no segundo momento, ele passou a adotar a estratégia da integração, aprendendo a língua e interagindo mais com a sociedade sem abrir mão de seus traços culturais, hábitos e valores, fazendo-o se sentir mais pertencente e vivenciando menos situações de preconceito.

Portanto, Ayush aprendeu a se adaptar ao seu entorno e, mais uma vez revelou seu hibridismo cultural que, segundo Weissmann (2018), demonstra uma construção de cultura própria para dar conta de todo o aprendido e excluído de forma a lidar com a pluralidade cultural permeando sua vida.

Segundo Ayush, o preconceito está intimamente ligado com o grau de instrução do indivíduo e com a maneira que ele é ensinado a lidar com o diferente dentro de casa. Para ele, a sensibilidade e educação são parte e consequência da criação e em decorrência disso, o 'apresentar-se' e revelar parte de sua identidade está ligado com a percepção que Ayush tem do outro. Desta forma, ele completou dizendo que:

“Quando a pessoa tem mais instrução, eu relato a minha origem indiana. Quando a pessoa tem menos instrução, eu restrinjo a minha origem Argentina ou eventualmente a parte Paraguaia que eu tive na minha criação, porque o momento de expor a minha identidade, todo o arcabouço da minha história, parece à beira do fantasioso [risos] e incompreensível para as pessoas; as pessoas mal sabem onde está a Ásia, imagina localizar a Índia (...) no Brasil infelizmente grande parte da referência veio das novelas né, Caminho das Índias. E aí isso, como, me dá um estresse né, tentar descaracterizar uma novela e tal, eu sou Argentino ou Paraguaio”

Percebemos em seu relato que, diante das múltiplas identidades possíveis dentro do seu universo simbólico, revelar sua identidade está ligado com o nível de estresse que pode vir a sentir em contextos e grupos diferentes, fazendo com que opte por aquela que o cause menos esgotamento.

Em sua visão, há uma grande referência da educação como base da compreensão e empatia em relação ao diferente, ou seja, uma abertura para lidar

com o diferente a partir do conhecimento. Contudo, em um segundo momento, Ayush comenta sobre o conhecimento como possível repertório para maiores preconceitos estruturados, enquanto a falta de conhecimento faz com que o indivíduo seja mais receptivo, “caso seja a natureza da pessoa”. Entende-se que, para ele, essa abertura e compreensão para com o diverso está ligada à sensibilidade ensinada dentro de casa, uma vez que molda a natureza da pessoa, de forma que o conhecimento acadêmico não será instrumentalizado para o mal.

Conseqüentemente, Ayush comenta que suas amizades são majoritariamente estrangeiras, tendo uma tendência maior a se conectar com imigrantes, possivelmente em busca de pertencimento, pois, segundo ele, o estrangeiro tem o costume de estar mais aberto à cultura indiana e ao diferente, visto que ao migrar, o indivíduo possui maior abertura e empatia para com o desafio do desconhecido. Ele cita também a similaridade do cotidiano, não marcado por tradições familiares. Em outras palavras, busca-se acolhimento com outras pessoas que também são desenraizadas, indivíduos ‘iguais’ que são marcados pela diferença e, à vista disso, compreensivos sobre a multiplicidade cultural.

Identidade multicultural

Como a mãe de Ayush é latino-americana e ele nasceu no Brasil, a exposição a esse lado da cultura era constante, exercendo influência no seu modo de ser e pensar. Contudo, para ele sempre foi importante dar valor ao que é diferente e, por isso, desde cedo demonstrou muito interesse pela cultura indiana, a ponto de se sentir mais ligado a ela do que à cultura ocidental.

Dessa maneira, é interessante observar que, apesar de ter uma mãe latino-americana e ter crescido e migrado somente entre países da América Latina, cultivando culturas ocidentais, Ayush pende para o lado indiano e se identifica mais com ele do que com suas outras referências culturais.

Para o pai de Ayush foi importante manter aspectos da cultura indiana dentro de casa, visto que Ayush estaria inserido em um contexto ocidental na maior parte do tempo. Segundo ele, o pai sempre foi muito liberal na infância, não tendo imposto regras ou restringindo amizades, mas era essencial que Ayush conhecesse a cultura da sua árvore genealógica oriental.

Para o pai de Ayush, a exposição à cultura indiana estava ligada a manter o contato com a sua ascendência e ampliar a visão de mundo do filho, de modo que a

ideia não fosse criá-lo dentro da bolha indiana, mas de apresentá-la a ele para que Ayush pudesse ter a liberdade de agir a partir do conhecimento.

Seu pai o ensinou sobre a cultura indiana, a história, o pensamento, a mitologia e a filosofia, além de ser costume consumir pratos tipicamente indianos em casa. Além disso, o nome de Ayush e de sua irmã, ambos indianos, foram dados intencionalmente, revela ele, para preservar essa identidade. Ayush relata que se recebessem nomes brasileiros ou um segundo nome ocidental, a tendência seria serem chamados pelo nome ocidentalizado, ofuscando a herança indiana. Ao receberem nomes e sobrenomes indianos, a obrigatoriedade de chamá-los torna-se marcação de presença da ascendência indiana.

Ayush explica que ao emigrar da Índia, o pai desconectou-se da família e, ao mesmo tempo, encapsulou o universo dos anos 70 (época que saiu do país) em sua mente, desconhecendo a perspectiva contemporânea da Índia. Isso, conseqüentemente, limitou o contato da cultura pop e atual de Ayush com a Índia. A ausência de uma mãe indiana, segundo ele, também teve impacto nessa falta de conhecimento contemporâneo. Ele expõe que se tivesse uma mãe indiana, esse aspecto seria muito mais presente pois, segundo ele, os homens se apoiam no elemento mais acadêmico da cultura, ao passo que quem se responsabiliza por preservar a cultura são as mulheres, principalmente por estabelecerem melhores vínculos com a família.

Transparece-se aqui uma condição advinda de ser mestiço. A mistura de culturas dentro da família revela uma fratura no conhecimento e tradição que seriam mantidos caso a família fosse puramente indiana. Todo o contato que tivera com a Índia na infância foi através do pai e limitou-se a questões acadêmicas e filosóficas, sem que Ayush tivesse contato com o universo contemporâneo e moderno da Índia, nem com a família paterna, por mais que esse lado de sua cultura o fascinasse.

Entretanto, a visão e valores que o pai tinha para com a natureza, o desperdício e o respeito aos recursos, tendo vivenciado e observado a miséria da Índia nos anos 70, também foram internalizadas por Ayush, de forma consciente, segundo ele, quando afirmou:

“eu peguei [essa visão e hábitos do pai] porque eu me permiti pegar. Se na infância eu tivesse escolhido ficar assistindo coisas de Las Vegas, eu ia agir como Las Vegas”

Por outro lado, conforme coloca Ayush, a idade trouxe maturidade. Durante a sua adolescência, o mundo era mais absoluto e ele alimentava uma visão utópica da cultura indiana, mudando todos os hábitos alimentares e filosóficos de forma radical, condição que mudou com o tempo e com a maturidade. Para ele:

“O grande problema da segunda geração dos imigrantes é jogar nesses dois extremos. O primeiro extremo é ignorar totalmente a história da família e o segundo extremo é se radicalizar e virar um fanático”

Ayush fala sobre o problema dos filhos mestiços de habitarem os dois extremos das estratégias de aculturação, ou assimilação ou separação. Vivenciar choques entre culturas e entre nações que causam impacto e conflito na identidade foi o que defini de ‘macro-fragmentação’, condição que ocorre entre filhos mestiços (e expatriados) ao sustentar a diversidade cultural que é inerente a eles. Quando Ayush fala sobre “maturidade”, entende-se que ele aprendeu a lidar com a sua ‘macro-fragmentação’ a partir de uma ‘maturidade cultural’, uma mentalidade intercultural que parte da estratégia de integração entre as suas culturas.

Aos dezesseis anos, Ayush se questionou sobre sua identidade pela primeira vez, buscando compreender quem era perante tantas referências culturais. Seu pai teve papel fundamental ao aconselhá-lo a reconhecer e assumir a sua singularidade cultural, fato que teve importância em quem ele é atualmente, bem como na maneira como lida com sua multiplicidade cultural. Sobre isso, Ayush disse:

“eu tinha um conflito de identidade, dizendo que, ‘ah o que eu sou? indiano, argentino, paraguaio, não sei’ - tipo, paraguaio não [risos] - mas argentino, brasileiro ou indiano e eu falei para meu pai e meu pai falou, ‘filho, não precisa ser mais um. Seja diferente. Você é diferente’ e tipo, eu levei isso de uma maneira muito - com amadurecimento - levei de uma maneira muito tranquila; eu não preciso ser mais alguém, eu posso ser autêntico, afinal de contas, cada um é diferente e eu decidi que vou pegar elementos de cada cultura que eu acho melhor. Por exemplo, a gentileza eu tento aprender do brasileiro, o estudo tento aprender mais do argentino, filosofia do indiano”

Seu primeiro conflito identitário foi delimitado pelas suas referências culturais, sem saber com qual deveria se identificar ou qual ‘vestir’. Criar sua própria cultura a partir da colagem de suas partes favoritas de cada repertório que compunha seu universo simbólico revela, mais uma vez, a tendência às estratégias interculturais.

Para ele, emigrar está ligado com sair da zona de conforto, obrigando o indivíduo a aprender e se adaptar e, logo, pessoas que não são acostumadas a viajar e interagir com outras culturas se bloqueiam e assimilam o diferente como algo ruim. Além disso, Ayush expõe que “pessoas regionais”, ou seja, que não migram, criam grande dependência pelos tecidos sociais e familiares como primos, tios e tias, condição que não é aplicável para ele, fato que o tornou mentalmente mais forte e independente.

Sua primeira viagem à Índia, um encontro familiar, foi algo que o impressionou. Como o pai desvinculou-se da família, o nível de interação familiar no decorrer da vida de Ayush foi muito carente e por isso ele nunca entendeu os papéis e níveis de vínculos familiares que não fossem de primeiro grau. Na Índia, a dinâmica familiar é entrelaçada e isso o sensibilizou. Ayush explicou:

“nunca entendi quanto é o vínculo de um tio: é como família, não é? porque eu via, por exemplo, no Paraguai, tio é uma coisa muito importante, mas por exemplo, pai europeu, tio é uma coisa distante, se o tio não teve contato com você - irmão do teu pai ou da tua mãe - você não tem vínculo, esquece, você morre e o cara nem vai ao teu funeral, é muito frio na Europa (...) Na Índia não, na Índia eu tinha pessoas que eu nem sabia, que eram tios políticos, é, casados com tal tio meu e só pelo fato de estar dentro do corpo familiar, eu era tratado como filho! E isso me impressionou, é incrível como funciona, eu me senti ‘extremadamente’ feliz e acolhido com a família”

Ele revela que a exposição cultural o tornou mais introspectivo, de forma a tentar ser menos influenciado por questões externas e pela lógica das massas. Segundo ele, quando se tem muita exposição cultural, a tendência é enxergar cada cultura como diferente, mas o ser humano como o mesmo, gregário e impulsivo, como algo em comum ao invés de diferente e, por isso, a cultura é somente boa enquanto não for motivo para separar e classificar os seres humanos.

Atualmente, Ayush é casado com uma mulher brasileira. Ele comenta que sua esposa o reconhece como indiano, sendo essa a identidade que mais observa nele. Ayush ainda não tem filhos, mas exprime uma preocupação em passar a sua cultura para os futuros filhos, de forma a abrir as portas para que eles tenham chances de conhecer culturas diferentes, assim como seu pai fez com ele. Em casa, já existe o hábito de fazer comida indiana e quem cozinha os pratos típicos é a sua esposa, já aculturada ao seu lado indiano.

Ayush explicou que não é possível ensinar todas as culturas que compõem sua ascendência de forma equilibrada aos futuros filhos, mas que buscará dar sempre maior importância à cultura indiana, visto que a vida será construída no ocidente e a cultura ocidental vai permear a vida deles de forma direta ou indireta. Ele acha importante, por exemplo, que façam comidas indianas frequentemente em casa para preservar as tradições da cultura mais distante.

Ele enfatizou, porém, que a exposição cultural será em prol de uma mentalidade ampliada e sensibilizada, já que a cultura não deve ser, segundo ele, um espaço para classificar e segregar. E afirmou:

“Será que a cultura é mais importante do que o calor humano? E eu acho que não. E eu estou sendo desleal comigo mesmo porque EU dou muito valor a cultura. Mas tem um ponto, não pode superar o ser humano”

4. 2 Entrevistado 2 - Sofia

- Sexo: feminino
- Idade: 20 anos
- Estado civil: solteira
- Nacionalidade: brasileira
- Nacionalidade da mãe: brasileira
- Nacionalidade do pai: taiwanês

Família

Sofia, filha de uma mescla entre Brasil e Taiwan, nasceu na capital de São Paulo em 2002. Sua mãe veio de Pernambuco para São Paulo ainda nova e seu pai, junto com seus tios, do interior de Taiwan para São Paulo. Tanto sua mãe quanto seu pai cresceram em ambientes familiares humildes. A mãe nasceu com uma deficiência nas mãos e pés. A família do pai, quando ele ainda era jovem, não teve condições financeiras para levá-lo a uma cidade que tivesse posto de vacinação e, por consequência, desenvolveu poliomielite.

Percebemos aqui um ponto importante. Ao falar do pai, observamos três marcadores sociais, sendo eles, etnia, classe social e deficiência. Já no caso da mãe, são quatro, por ser mulher, do interior do Brasil, de classe social baixa e

deficiente. Os pais de Sofia já vivem a alteridade e exclusão no dia a dia e isso pode ter sido fator determinante na adaptação cultural que viveram um com o outro, de forma a encontrar denominadores comuns, ter abertura e empatia para se compreenderem em níveis diferentes, apesar das barreiras culturais.

O casal se conheceu em uma aula de natação para pessoas com deficiência e continuam juntos atualmente. Sofia comentou sobre a aceitação da família por parte do pai em relação ao casamento ter sido fluida, apesar das famílias asiáticas tradicionais terem maiores tendências a endogamia e afirmou:

“normalmente família asiática raiz não gosta muito que saia da nacionalidade na família né, mas eu acho que pesa um pouco o fato de que eles se mudaram pra um país totalmente diferente que não tinha muitos taiwaneses na época que vieram, então acho que pro meu avô foi tipo super tranquilo, fora o fato de que meu pai era deficiente, então, não sei... é, provavelmente era mais difícil arrumar alguém”

Entende-se que a aceitação por parte da família do pai para a união com a mãe foi marcada pela compreensão do contexto de migração e a abertura à integrar-se à ou assimilar a cultura do país em que passaram a viver, em busca da adaptação de todos. Isso, por sua vez, exerceu influência na abertura da segunda geração para com a cultura local, bem como a quantidade de exposição que eles têm da cultura de ascendência, visto que a estratégia adotada pelos pais dita o quanto eles mantêm ou não a herança cultural.

Sofia explicou que não tem muitas memórias da infância, mas que não foi uma época financeiramente boa como a que vive atualmente. Ela contou que a família tinha uma casa graças ao tio paterno que havia cedido o imóvel. Revelou também que a situação foi difícil vivendo dentro das bolhas sociais orientais, com cada um tendo seu próprio negócio e uma boa condição financeira. A referência oriental que Sofia tem a partir dos círculos asiáticos com os quais se compara, se torna um ponto de conflito durante a infância, uma vez que o fragmento surge a partir do ‘não ser uma família oriental tradicional’, ou seja, híbrida.

Segundo Sofia, o pai tentou vários negócios até ter êxito com a escola chinesa que fundou. A ‘escolinha chinesa’ que opera do mini maternal ao pré, segundo ela, foi algo que mudou a sua personalidade. Ela frequentou a escolinha tanto como aluna (até o pré e depois somente fazendo aulas de chinês até o nono ano) quanto como ajudante (até o seu ensino médio), tendo sido normal

acompanhar e auxiliar o pai o dia inteiro em seu trabalho. Sofia relatou que teve contato apenas com chineses durante esse tempo, sendo o mandarim a sua primeira língua ao longo da primeira infância. O contato com brasileiros foi bastante limitado até entrar no colégio. Segundo ela, entrar no colégio e ter a percepção de que a rotina dos brasileiros era diferente, foi uma de suas dores durante a infância e adolescência e acrescentou:

“Desde que eu nasci, depois que a minha mãe terminou o tempo de licença, eu acompanhei o meu pai na escolinha, então pra mim era tipo super normal ficar o dia inteiro no trabalho do pai, ajudar tudo que ele precisava fazer; eu achava que era um negócio, assim, que todo mundo fazia até eu entrar no colégio, na escola, e ver que na verdade não, todo mundo ia pra casa, almoçava em casa, assistia desenho, ficava brincando, podia sair com os amigos depois... Eu não, eu ia pra escolinha, ficava o dia inteiro lá, eu voltava sóóó depois do Sol, tipo, se pôr, sabe? E é uma das coisas que me doem um pouco porque eu queria ter tido uma infância mais abraçadeira, nesse sentido de poder aproveitar mais e ficar em casa e tals. Eu via o pessoal saindo a tarde e eu tipo não podia, ‘eu tenho que ir pra escola, aprender chinês’”

Nota-se um fragmento de identidade a partir das comparações. Ambas as rotinas, tanto a que ela vivia quanto a que poderia viver eram plausíveis, visto que as duas compunham o quadro de referências de Sofia, porém de forma que não pudesse acompanhar nenhuma das duas de forma completa. A taiwanesa por se comparar constantemente com o outro lado de sua cultura e a brasileira por ser metade taiwanesa e precisar seguir parte das tradições.

Segundo Cucho (1999), a identidade é inclusão e exclusão ao mesmo tempo, identificando-se com um grupo ao passo que se distingue dos outros. No caso de Sofia, ela se identifica e se distingue simultaneamente de ambos os seus grupos culturais, uma vez que se reconhece dentro dos dois, mas não se encaixa inteiramente em nenhum. Em outras palavras, ela experiencia a macro-fragmentação no momento em que se reconhece dentro de dois universos culturais concomitantemente.

Sofia comentou que por ser filha do dono, às vezes as professoras eram muito compreensivas e não exigiam tanto dela, fator que acredita ter prejudicado o seu mandarim. Outra questão que a incomodava era o fato de ser tratada como chefe. Na cultura chinesa existe um respeito evidente para com os mais velhos, mas

ao mesmo tempo com a hierarquia. Portanto, ser criança e receber esse respeito era causa de estranhamento. Segundo ela:

"Às vezes elas me tratavam como chefe, eu ficava tipo 'meu, eu sou uma criança', sabe?"

Alinhado a isso, ela confessou que era depositada uma responsabilidade que não gostava e que não cabia a ela aos catorze anos, tendo que tomar decisões pelo pai quando ele não estava. Para Cucho (1999), é através da identidade que nos localizamos e somos localizados socialmente, sendo a identidade um ponto crucial para viver em sociedade. O que acontece no caso de Sofia é que se reconhecer dentro do universo infantil, mas ser reconhecida como 'chefe', graças a cultura chinesa, é conflitante, sendo essas localizações, contraditórias. Entretanto, completa que esse foi um dos pontos mais importantes para o seu amadurecimento.

Portanto ela revela um ponto positivo e um negativo desse lado de sua exposição cultural. Desde muito cedo, Sofia precisou adotar uma postura responsável devido à exigência implícita de sua cultura do lado taiwanês, fator que a causava estresse, mas ela reconhece esse cenário como um que a fez se tornar quem ela é atualmente, alguém mais sensata, madura e responsável.

Enquanto a escolinha era um ambiente completamente chinês, Sofia contou que os costumes em casa foram sempre mais relacionados à cultura brasileira, principalmente por causa da ausência do pai na maior parte do dia, dado o seu trabalho. Durante a infância da irmã de Sofia, a avó paterna era presente e mantinha certas tradições taiwanesas, como a linguagem e a culinária. Em função disso, a sua irmã vivenciou costumes diferentes, além de entender e falar mais taiwanês do que Sofia, enquanto Sofia entende e fala mais o mandarim que a irmã.

Já, a partir da infância de Sofia, a mãe passou a assumir as responsabilidades de casa, mantendo a cultura brasileira na maneira de limpar, organizar, escolher e dispor os móveis e nas comidas feitas em casa, como exemplifica Sofia. A culinária em casa se tornou inteiramente brasileira com pratos frequentemente tradicionais como feijoada e rabada, sendo chinesa apenas no caso de *delivery*; o uso de hashi em casa não foi comum; tradições chinesas como celebrar o ano novo chinês não tiveram muita importância para a família e nem costumes como tirar os sapatos para entrar em casa (hábito não praticado também pelo fato dos pais serem deficientes).

Em um primeiro momento, a casa mantém algumas culturas de Taiwan com a presença da avó de Sofia. Ao se ausentar, todos passam a assimilar a cultura do país de residência com a influência da mãe e a abertura e aceitação do pai. Sofia, então, atravessa universos culturais diariamente, vivenciando um ambiente majoritariamente brasileiro (com nuances da cultura taiwanesa) em casa e majoritariamente oriental na escolinha, onde passava grande parte do seu dia.

Outra questão a se observar é a atitude do pai para com a adaptação cultural do país de residência. Seu comportamento pende para a estratégia da assimilação da cultura brasileira, permitindo que o cotidiano dentro de casa seja majoritariamente regido pela cultura da mãe. Pode-se dizer que a estratégia do pai fez com que a exposição de Sofia à cultura taiwanesa fosse um pouco menor e que isso, por sua vez, pode ter diminuído o impacto do conflito identitário em Sofia que lidou bem com sua dualidade cultural.

Língua

Segundo Sofia, a comunicação nunca foi um dos pontos fortes na família dada a diferença de línguas, principalmente entre os pais, que buscam a compreensão a partir do contexto. A conversação entre eles é em português, mas ela explica que sempre teve ruído na compreensão de expressões específicas ou jeitos de falar que, segundo ela, são bem diferentes. Sofia contou que ela é a pessoa que mais entende e consegue traduzir as ideias do pai e completa:

“Não sei como rolava a comunicação antes porque o português do meu pai parece que tá piorando”

É interessante notar como, mesmo depois de anos de casados, ainda existem barreiras culturais como a língua entre o casal e, conseqüentemente, a forma de pensar dos dois. Podemos comentar aqui sobre a teoria apresentada na primeira metade do século XX pela hipótese Sapir-Whorf (1954), a qual afirma a estrutura da linguagem como influência direta na percepção e compreensão de mundo da comunidade falante. Conseqüentemente, dois universos linguísticos diferentes são também duas compreensões de mundo completamente diferentes, podendo ser grandes barreiras culturais, posto que a identidade também precisa da língua para existir.

O fato de pertencer a ambas as culturas e ter aprendido mandarim e português simultaneamente, coloca Sofia como o ponto de equilíbrio e a ponte de comunicação eficiente entre os pais, uma vez que ela consegue se adaptar e compreender os dois mundos culturais de forma profunda.

Durante a primeira infância, Sofia aprendeu português e mandarim estudando na escolinha chinesa bilíngue. Portanto no pré ela já sabia falar e ler português perfeitamente e foi a partir desse momento que o português passou a se tornar sua primeira língua. Segundo ela, aprendeu a ler com a turma da Mônica e “esse é um traço bem brasileiro”.

Sofia explicou que dentro de casa as línguas são bastante misturadas atualmente, mas fala-se mais português para que a mãe possa entender e participar ativamente. Com sua irmã, Sofia conversa em português, inglês e mandarim, alternando conforme o contexto e a dificuldade de traduzir certos termos. Com o pai, a comunicação é, segundo ela, setenta por cento em português e trinta por cento em mandarim, respondendo as meninas em mandarim somente quando a mãe está ausente para que todos possam entender o que está sendo falado.

A estratégia da assimilação adotada pelo pai é mais uma vez percebida aqui, uma vez que ele buscou aprender a língua da esposa e exige que se fale português em sua presença, ao passo que a esposa não aprendeu o mandarim. Sofia comentou também que quando ele fala taiwanês ou mandarim, o pai mistura, inconscientemente, muitas expressões em português, mesmo quando conversa com taiwaneses nativos que não falam português. Ou seja, apesar de não falar a língua fluentemente, a sua aculturação ao país de residência foi tão marcada que ele passou a internalizar algumas maneiras de pensar e agir, fator que se reflete na linguagem.

Entre Sofia e sua irmã, existem trocas de códigos linguísticos conforme o tipo de sentimento e o contexto que se quer comunicar, marcando a identidade de ambas dentro dessas trocas, visto que a linguagem também é um espaço de identificação e exclusão e o uso intencional de cada linguagem exprime emoções específicas de cada código.

Visita a Taiwan

Em 2017, a família de Sofia teve condições financeiras de fazer uma viagem para Taiwan e essa foi a primeira vez que Sofia visitou o país. Lá, conheceu suas primas pela primeira vez, com quem havia tido algumas conversas através do Instagram anteriormente. Sofia narrou sobre um acontecimento com suas primas que para ela foi muito interessante:

“elas sabem que a gente é do Brasil né, e normalmente lá o pessoal quando você conhece ou encontra alguém, não abraça né, no máximo um aperto de mãos, mas como eles sabem que a gente é do Brasil e lá a gente tem o costume né de abraçar, dar um beijo na bochecha; quando eles viram a gente pela primeira vez, eles também abraçaram, eu até fiquei tipo chocada”

A família taiwanesa de Sofia buscou recepcioná-los com um costume brasileiro para que se sintam acolhidos. Comentar sobre “ser do Brasil” é uma marcação de identidade própria, ao passo que a atitude da família também marca a identidade de Sofia e a deles como um grupo cultural diferente ao mesmo tempo. A percepção das diferenças culturais entre os grupos revela a identidade cultural e a alteridade de ambos, mas por outro lado, o ato de abraçar apesar de não ser costume da cultura local, exprime a busca de atravessar a barreira cultural.

Segundo ela, o acolhimento que teve em Taiwan foi muito marcante, tendo sido significativa a gentileza das pessoas. Sofia relatou que a recepção de todos foi extremamente carinhosa e que só houve um ou dois casos em que alguém foi rude ou impaciente com o fato de ser estrangeira. No geral, ela contou que todos tentavam se comunicar com ela e sua família, mesmo com a barreira de linguagem da mãe e com a vergonha que ela sentia de falar chinês pelo medo de errar.

Mesmo falando mandarim e sendo metade taiwanesa, Sofia se reconhece como estrangeira em Taiwan, fato que não ocorre no Brasil. Segundo Sofia, ela se identifica de forma relativamente equilibrada com ambos os seus universos culturais, mas em Taiwan nota-se uma identificação maior com o seu lado brasileiro.

Sofia revelou que se divertia com os choques culturais da mãe, como no caso de alguns banheiros em que não havia vaso sanitário, mas sim bacias turcas e como isso a aterrorizava enquanto para Sofia, elas eram naturais e melhores. Já no caso de seus próprios choques culturais, apesar de terem sido limitados tanto por ter a ascendência e exposição a alguns aspectos da cultura quanto por ter realizado uma imersão em vlogs e leituras sobre o país, os costumes e tradições antes da viagem,

ela, juntamente com sua mãe, sentiu grande estranheza para com as casas e o hábito de preencher todos os espaços com objetos e móveis de forma a ter menos espaço possível. Para ela, essa prática é sufocante e até hoje não se acostumou, visto que em sua casa o costume é manter tudo em ordem, limpo e com menos coisas possíveis.

Identidade multicultural

Sofia descreve sua adolescência como “pacata” comparada à vida de seus colegas brasileiros, especialmente por passar a maior parte do tempo estudando e na escolinha chinesa. Ela comentou que suas memórias da adolescência são praticamente todas resumidas à ir ao colégio e depois à escolinha chinesa sentindo inveja dos amigos brasileiros que não tinham responsabilidades ao voltar da escola. Contou, porém, que percebeu a mesma rotina entre a maioria das crianças chinesas e que passar por isso tornou-a mais responsável e resiliente.

Em relação aos orientais, Sofia relata que quando visitava a casa das amigas sentia diferença tanto na comida (por comer apenas comidas brasileiras em casa) quanto com pequenos choques como não ter sido criada com o costume de comer a ponto de limpar o prato, prática necessária na cultura chinesa e sentida por ambas as partes quando está entre eles. Ela relatou que sempre esquecia de tirar o sapato ao chegar na casa de suas amigadas chinesas e que achava constrangedor fazer isso na casa dos outros.

Mais uma vez notamos uma fragmentação na identidade de Sofia. Segundo Restrepo (2012), a identidade se estabelece a partir da diferença, reconhecendo o contraste com outra coisa e para Dantas (2012), crescer e ser socializado em uma cultura envolve processos de identificação intensos. Contudo, crescer com um referencial cultural duplo, faz com que Sofia se reconheça como parte integrante e contrastante do mesmo grupo cultural ao mesmo tempo, fazendo com que ela sinta pequenos choques culturais em ambos os lados. Isso revela nela, a sua macro-fragmentação.

Sofia citou que uma das grandes diferenças que sente em relação aos taiwaneses é o jeito de se expressar e como a família dela se difere da comunidade por serem mais comunicativos e extrovertidos possivelmente, segundo ela, por causa da influência da mãe na criação. Contudo, essa característica muda e é

percebida de formas opostas em grupos culturais diferentes, como pode ser observado em sua fala:

“Aqui em casa a gente é conhecido mais como aquela família mais extrovertida, sabe? Que consegue se comunicar melhor, que não tem vergonha de fazer tal coisa; acho que essa é umas das principais diferenças que a gente sente porque eu acho que o pessoal é mais fechado né, eles são mais retraídos, são mais na deles. (...) E falando em ser extrovertido, é engraçado que quando eu to com orientais, eu sou mais extrovertida, tipo eu sou A extrovertida, só que quando eu to com brasileiros eu sou tipo, A que não fala nada, A ‘na dela’, A tímida (...) acho que eu viro, ah, múltiplas personalidades, fragmentada, sabe?”

Sofia não só assume uma personalidade diferente em grupos culturais distintos, mas também é percebida de formas diferentes de acordo com os costumes de cada grupo cultural e o quão natural é agir de uma forma ou outra. A percepção de ser fragmentada revela um sentimento de não pertencimento definido por hábitos culturais de ambos os grupos, fazendo com que ela se identifique com os dois, mas ao mesmo tempo reconheça a sua diferença em ambos.

Por outro lado, a exposição que teve à cultura brasileira fez com que Sofia desenvolvesse um lado mais comunicativo, circunstância que não teria ocorrido caso ela tivesse crescido em uma família não-híbrida, composta por ambos os pais taiwaneses.

Em contraste com o seu lado mais extrovertido e comunicativo, Sofia explicou que tem dificuldade de pedir coisas abertamente sem sentir que está incomodando ou que deveria fazê-las por conta própria e, portanto, busca sempre falar de forma implícita, desenvolvendo sua ideia nas entrelinhas. Ela relatou que nunca teve melhores amigos por conta desta dificuldade de não conseguir expressar seus sentimentos e nem entrar em aspectos pessoais, característica que acredita ser bem oriental. Segundo ela, todos os seus relacionamentos no decorrer da vida tornavam-se rasos graças a esse bloqueio, mas não se sentia mal por não ter com quem conversar e detalhou:

“Isso sempre foi um embate pra mim, mas eu não me sentia mal de não ter essa pessoa pra conversar, tudo bem, eu funciono desse jeito. Eu acho que eu tenho essa dificuldade de pedir ajuda ou de falar alguma coisa que eu preciso pros outros porque sempre foi eu sozinha ajudando o meu pai né, então na maioria das coisas eu tinha que fazer

sozinha, porque ele não conseguia, então eu acho que isso foi construindo uma coisa em mim de, tipo, eu consigo fazer sozinha, mesmo que eu tenha dificuldade, mas no fim eu vou conseguir dar um jeito de fazer sozinha. Então eu acho que isso foi moldando, igual, agora eu sinto dificuldade né, de pedir ajuda”

Portanto, ao mesmo tempo que Sofia se sente mais comunicativa e aberta à interações e trocas sociais do que os outros taiwaneses e chineses, ela carrega consigo uma dificuldade de se comunicar advinda da parte oriental da forma como foi criada. Em comparação aos taiwaneses, Sofia é mais comunicativa. Já dentro do círculo de brasileiros, ela é reclusa, introvertida e tem dificuldades de expressar seus sentimentos.

Sofia falou que seu maior escape está na escrita, mas que consegue encontrar refúgio na família direta, sendo a sua irmã um pilar para conversar sobre emoções, sentimentos e ideias; a mãe sobre grandes decisões de vida e o pai sobre questões financeiras e de trabalho.

Sofia falou sobre a diferença de relacionamento por parte dela e da irmã em relação às avós de ambos os lados da família. Segundo ela, a relação com a avó materna é mais calorosa, com grande proximidade e abertura para conversar, manter contato e desejar datas comemorativas, enquanto com a avó paterna, por falar apenas taiwanês, existe a barreira da linguagem e, por isso, a comunicação é mais difícil. A demonstração de amor da avó paterna também é diferente, através da preocupação com a comida e com o que tem vontade de comer, exemplifica ela. Sofia esclareceu que tem carinho pelas duas, embora os relacionamentos sejam muito diferentes. É interessante ressaltar que ela atravessa fronteiras simbólicas quando visita cada lado da família.

Já em relação à sua irmã, que teve maior exposição à cultura taiwanesa vivendo com a avó paterna em casa, Sofia comentou que se sente mais chinesa nos hábitos e formas de falar que ela. Portanto, mesmo tendo crescido na mesma família multicultural, não somente existem diferenças entre as percepções de mundo e costumes das irmãs, mas também estranhamento por parte de ambas com relação uma à outra, como fica claro em sua fala:

“embora ela tenha tido mais contato na infância com a cultura taiwanesa, eu acho que eu sou mais ‘chinesona’ que ela, é, sei lá, às vezes no jeito de comer ou falar também, embora ela saiba mais taiwanês do que eu, eu sei mais chinês do que ela, então falar a gente

é diferente; eu fico de, sabe de cócoras? Aquele jeitinho que os chineses gostam de ficar, o tempo todo e em qualquer lugar e ela já acha isso muito estranho”

Sofia contou que sua mãe sempre foi cristã e a levava para igrejas como a assembleia e a batista quando era mais nova. O pai, que antes não seguia nenhuma religião antes de vir para o Brasil, converteu-se ao cristianismo após conhecer a igreja presbiteriana, que tinha uma grande comunidade taiwanesa. Alguns anos depois, a mãe passou a frequentar a mesma igreja da comunidade taiwanesa cristã.

Grande parte da exposição que Sofia teve à cultura do lado do pai veio da escolinha chinesa em que estudou e trabalhou e da igreja, local que, segundo ela, marcou a sua infância e tem influência até hoje em sua vida. Para ela, essa comunidade também exerceu influência na mentalidade e adaptação da mãe para com a cultura taiwanesa e disse:

“Eu acho que a minha mãe acabou se adaptando muito à cultura taiwanesa através da igreja, eu acho que é por causa disso que ela tem alguns costumes, alguns hábitos ou alguns jeitos de pensar meio taiwaneses, acho que acabou moldando ela também. (...) Até acho que muitas opiniões e pontos de vista dela são bem orientais, parece uma mãe taiwanesa, uma mãe chinesa, ela não parece muito brasileira”

A comunidade da igreja foi um grande pilar de amizades para ela também. O grupo de amizades de Sofia foi bem parecido ao longo da vida sendo majoritariamente taiwaneses e/ou chineses, já que a maior parte de seu tempo era vivido na escolinha chinesa e na igreja. Já no colégio brasileiro, como havia poucos asiáticos, Sofia contou que eles se juntavam e, grande parte das vezes, já se conheciam da escolinha e passavam a frequentar o mesmo colégio por recomendação.

Segundo ela, a maioria das amizades no colégio eram chineses (ambos pais chineses) ou brasileiros (ambos pais brasileiros), sendo raras as amizades mestiças. Entretanto, ela explica que a mentalidade dos amigos chineses que foram criados no Brasil já era diferente dos chineses nascidos e criados na China, assim como a dela, sentindo a diferença do grupo brasileiro e chinês simultaneamente e completou:

“A gente que cresceu aqui fica bem mais abasileirado do que chinês, só que em questão de, sei lá, escolhas ou maneiras de se portar, ou maneiras de estudar, era bem diferente com os outros, principalmente

na relação com os pais. Eu acho que a gente se importava muito mais com a ordem dos pais ou com não desrespeitar os pais ou fazer exatamente aquilo que mandaram do que o pessoal que a gente era amigo, os brasileiros da nossa sala - a gente carregava muito mais culpa se a gente fizesse algo de errado então talvez por isso a gente era visto como certinhos, os nerds, sabe?”

Para Sofia, tanto ela, mestiça, quanto chineses que cresceram no Brasil, têm aspectos brasileiros mais presentes do que chineses criados na China. No entanto, ela e seus amigos sentem algumas diferenças claras dos brasileiros e concomitantemente são percebidos como diferentes graças a disparidades culturais. Eles são, então, mais brasileiros que os chineses, porém mais chineses que os brasileiros.

Sofia vive momentos culturais delimitados e atravessa fronteiras culturais diariamente. Dentro de casa, seus costumes são quase inteiramente brasileiros, sendo regidos pela mãe e a assimilação do pai. Porém, sua vida fora de casa é composta por uma rede social quase completamente oriental, visto que passa a maior parte do seu tempo na escolinha chinesa; na igreja cuja comunidade é taiwanesa e dentro do colégio com o seu grupo de amigos asiáticos.

Tendo estudado em uma escola brasileira e uma chinesa ao mesmo tempo, Sofia comenta sobre as diferenças que sentia na relação com os professores em ambas. Na escola brasileira, segundo ela, era normal ter amizade com os professores e manter contato mesmo após o término da graduação. Já na escolinha chinesa, apesar de ter carinho pelas professoras e vice e versa, ela explica que o jeito de se portar era muito diferente, com muito respeito envolvido. Segundo ela, o relacionamento ainda era bastante próximo, mas com uma proximidade diferente, mais relacionada à admiração.

Sofia relatou que a vivência dentro dos dois universos culturais fez com que ela conseguisse entender ambos os lados e agir de maneiras diferentes dependendo do grupo cultural em que se encontra inserida. Para ela, mudar de configuração cultural é quase como trocar de personalidade. Ela acrescentou:

“na bolha oriental eu consigo entender os sentimentos deles e a linha de raciocínio e tais opiniões e tais, eu consigo entender dos dois lados e do brasileiro eu também consigo, sabe? Eu acho que influencia muito no meu ponto de vista dependendo do ambiente que eu to, eu consigo me inserir e entender o que os dois lados estão sentindo. Tanto é que às vezes, sei lá, quando os meus pais tem algum conflito, eu entendo

os dois lados porque eles tem pensamentos diferente e jeitos de lidar com as coisas diferentes então eu sinto bastante disso, às vezes eu até acho que minha personalidade muda, sabe, quando eu to num ciclo só de brasileiros ou quando eu to num ciclo mais de orientais. (...) Não são personalidades totalmente distintas porque as culturas se cruzam né, o jeito de pensar se cruza e vai se moldando de um jeito que vira 'eu', então eu acho que é um negócio mais automático e, assim, dependendo do ambiente, não precisa ser um extremo ou o outro, né, dá pra tipo, você ir vivendo e sentindo como que é o ambiente”

Sofia é capaz de vestir suas diferentes identidades de forma a se adaptar aos contextos em que precisa. Isso ocorre naturalmente e sem que as suas identidades sejam devidamente delimitadas, mas dialógicas e interconectadas. Ela possui características interculturais, fazendo suas diferenças culturais conversarem e formarem uma cultura própria que constrói quem ela é e a forma de lidar com a sua diversidade cultural.

Sofia explicou que se identifica com as suas duas culturas de forma que a sua identidade seja uma mescla de ambas, porém sentindo sempre uma cultura se acentuar quando está em outro ambiente cultural e vice e versa, o que exprime a sua condição de alteridade em todos os lugares. Como comentou:

“quando eu to com as brasileiras, eu me sinto mais oriental, quando eu to com mais orientais, eu me sinto bem mais brasileira”

Preconceito Brasil vs Taiwan

Sofia contou que na época em que estudou no colégio brasileiro, havia sempre uma separação das classes em que todos os asiáticos da turma eram colocados na mesma sala, uma divisão clara da sala dos “japas”, segundo ela. Ela acrescentou que como eram poucos orientais, a maioria vindos por recomendação da escolinha, ainda colocados na mesma turma, eles escolhiam se juntar e afirmou que:

“Deve ser assim, pra facilitar a comunicação, mas assim, todos nós, pelo menos na minha turma da minha idade, a gente fala português... até melhor do que os brasileiros que tinham acabado de entrar, entendeu?”

Segundo Sofia, ela não sofreu muito preconceito, mas desabafa sobre incidentes sofridos por suas amigas (duas irmãs) “bem chinesas” e como

brincadeiras na escola como embicar a cadeira no momento em que estudavam, fingir falar chinês ou puxar os olhos perto das irmãs a deixavam com raiva. Comenta que não sabe porque esses grupos não mexiam com ela, mas que as brincadeiras com as irmãs eram frequentes.

Ao descrever as irmãs como “bem chinesas”, Sofia revela a sua própria identidade e reconhecimento como diferente dessa condição. Segundo Silva (2014), ao afirmar aquilo que o outro é, inconscientemente afirmo que ele não é o que sou, visto que a afirmação da diferença faz sentido somente negando outras identidades. Portanto, Sofia revelou sua identidade e se reconheceu como uma mescla e, talvez por esse motivo, não sofreu os mesmos preconceitos.

Falando sobre sua visita em Taiwan, ela relata que não passou por nenhuma situação de preconceito, mas que era reconhecida como estrangeira pelos moradores. Sofia explicou que a vestimenta era um dos fatores que a revelavam como estrangeira, colocando o seu fenótipo em confronto com a sua construção cultural e completou:

“Eu posso até ter o olho puxado, mas o jeito que eu me vestia era totalmente diferente dos padrões lá, então eles só precisavam bater o olho - precisava nem tá com a minha mãe - batia o olho e já sabiam, ‘ah, estrangeira’”

Além disso, ela contou de incidentes em que se frustrou em restaurantes. Segundo ela, alguns atendentes ficaram irritados e confusos ao se deparar com uma jovem que se comunicava em mandarim, mas não sabia ler. Sobre isso, ela comentou:

“Era meio chato a cobrança e tal e às vezes eles eram meio rudes, mas no geral foram todos bem educados, né, eu já chegava falando ‘ah sou estrangeira’. Ao mesmo tempo que eu ficava meio frustrada, eu usava como catada”

Sofia contou que, diante de tudo que viveu, foi muito natural lidar com questões de si. Ela explicou que é bem desapegada e descarta ideias, maneiras de pensar e julgamentos que não condizem com quem ela é. Segundo ela, caso não encontre uma maneira de mesclar as ideias ou fazer com que esses pensamentos

façam sentido para ela, ela os exclui. Em outras palavras, ela tem uma grande tendência e abertura ao diálogo das diferenças.

4.3 Entrevistado 3 - Júlia

- Sexo: feminino
- Idade: 26 anos
- Estado civil: divorciada
- Nacionalidade: brasileira
- Nacionalidade da mãe: brasileira
- Nacionalidade do pai: libanês

Família

Júlia, filha de pai libanês e uma mãe brasileira, nasceu em Foz do Iguaçu, estado do Paraná, cidade onde fica a segunda maior comunidade de árabes do Brasil. O seu pai, nascido no Líbano, foi para a guerra aos quatorze anos e chegou ao Brasil fugindo da guerra. A mãe, do Estado do Rio Grande do Sul, conheceu o pai durante uma visita a um hospital onde ambos visitavam familiares internados.

O pai de Júlia, segundo ela, é bastante patriota, mas não segue o islamismo à risca e pratica as tradições libanesas de forma diluída, ainda que mantenha a identidade cultural preservada nas formas de pensar, agir e conduzir a família. Ela completou dizendo:

“É que meu pai é meio... Meio, como é que eu vou falar, não quero usar a palavra ‘ignorante’ né, mas é aqueles cabeça bem fechada, sabe? Ele acha que, é, ele saiu do Líbano com 18 anos e ele acha que o mundo parou ali, entendeu? Que o mundo não mudou, que não ficou moderno, ele não se atualiza, entende? Então meu pai acha que é aquilo e ponto. Eu falo, graças a Deus que a minha mãe é brasileira porque daí, né, meio que mistura”

O comentário de Júlia revela certa distância de seu lado libanês, uma vez que exprime alívio pela mescla de culturas, podendo não ser inteiramente libanesa. Ela comentou que, apesar da mentalidade do pai, a criação que teve foi diferente da maioria dos libaneses que conhece graças à sua mãe, responsável por todos os ensinamentos em casa. Segundo ela, a base de criação foi toda por parte da mãe,

enquanto o pai se responsabilizava somente pelo sustento financeiro da casa, fator que cria distanciamento da figura paterna e, possivelmente, desse lado da cultura de Júlia.

Júlia contou que a adaptação da mãe à cultura libanesa e ao casamento foi difícil. No início, como exemplificou, a mãe ainda usava roupas curtas e ao ver os parentes do pai de Júlia, eles a ofendiam no idioma árabe. O pai, logo declarava que não voltariam mais lá, em defesa da esposa. Além disso, por ter participado da guerra, o começo do casamento foi marcado por noites em que a mãe de Júlia acordava de madrugada sendo atacada pelo pai, em meio a um pesadelo, precisando acordá-lo. Segundo Júlia, sua mãe, apesar de ser brasileira, prefere que os filhos busquem parceiros libaneses ou descendentes de libaneses para que não precisem passar pela dura adaptação que passou.

Portanto, apesar do pai de Júlia ser um pouco distante do islamismo e de alguns costumes libaneses, o fato de que a esposa precisou passar por duras adaptações a ponto de preferir a endogamia entre os filhos, revela a dinâmica majoritariamente libanesa dentro de casa. Outro fator que é importante ressaltar aqui é o poder de fala do homem dentro da cultura e, portanto, da consequente influência que o pai exerce sobre o corpo familiar e a forma como ele é conduzido.

A mãe de Júlia nasceu em uma cidade do interior, e foi criada em uma família evangélica. Ela escolheu converter-se ao islamismo após um incidente com o irmão mais velho de Júlia e, ao contrário do que se esperaria, foi ela que ensinou tudo que Júlia sabe sobre o Islã e sobre as tradições libanesas e não o pai. Júlia contou que:

“Quando o Vitor começou a crescer, meu irmão, eu era bebê - minha mãe conta sempre essa história - minha mãe continuou indo na igreja, e meu pai - meu pai nunca seguiu a religião, né, tanto que ele bebia, saía e tudo mais, porque os muçulmanos não bebem também né, então meu pai não seguia nada e daí minha mãe sempre entrava no quarto e falava pro meu irmão, pro Vitor, ‘reza antes de dormir’. Aí um dia, meu irmão pegou e falou assim pra minha mãe, ‘como é que eu rezo, igual você ou igual o baba?’, que a gente chama pai de ‘baba’ e mãe de ‘mama’ né. Aí minha mãe falou que foi tipo um tiro. Pra ela foi um tapa na cara dela porque ela falou, meu deus o que que eu vou responder pra ele agora? Aí que a minha mãe decidiu estudar a religião sozinha. Meu pai nunca incentivou, meu pai não queria”

O pai de Júlia não apoiou a conversão e, quando a mãe decidiu usar o véu, Júlia relata que o pai ficou três meses sem sair de casa com a sua mãe por sentir vergonha da situação. O conhecimento que a mãe de Júlia tem sobre o islamismo e da cultura foi adquirido sozinha, por meio de pesquisas, leituras e participado de um grupo de brasileiras casadas com árabes que estudam a religião. Para Júlia, quem se converte tem muito mais conhecimento e fé do que quem já nasce inserido na religião.

Notamos que, apesar da desaprovação do marido, a mãe de Júlia passou a adotar a estratégia da assimilação da religião e de costumes da cultura de origem do marido em busca de diminuir o conflito referencial dos filhos. Em um primeiro momento a mãe se educou sobre o islamismo para reduzir o impacto da fragmentação dentro de casa; no segundo momento ela mesma passa a se identificar com a religião e opta por se converter. Ou seja, entende-se que a motivação e abertura para assimilar a cultura libanesa surgiu da preocupação com o conflito cultural dos filhos.

Na visão de Júlia, o poder de fala e de decisão da família tem forte influência em sua vida. A partir dos dez anos de idade já tinha restrições de vestimentas, não podia dormir fora de casa independentemente da nacionalidade das amigas e até hoje não pode frequentar lugares que não condizem com a religião (bares, festas, festivais, shows, etc). Júlia desabafou que mesmo com 26 anos, os pais ainda se preocupam quando ela sai, principalmente após um certo horário, coisa que não acontece com os irmãos, segundo ela, por serem homens e estarem em uma cultura machista. Júlia comenta que a maioria dos homens são muito machistas e sente grande diferença entre ela e os irmãos.

O poder de fala que a família de Júlia tem no cotidiano dela, evidencia a força da cultura libanesa em sua vida, mesmo sem que ela queira isso. Essa condição também pode ter criado um afastamento interno de Júlia para com a sua metade libanesa, gerando maior conflito dentro dela, uma vez que seu referencial é majoritariamente libanês. Outra questão a se colocar aqui é a sua percepção dos homens a partir de sua cultura. A nível do dia a dia, a cultura influencia na interpretação pessoal de mundo e a interpretação que Júlia tem da maioria dos homens é de muito machismo graças ao círculo em que ela se encontra inserida. Não busco aqui discutir sobre o nível de machismo dentro da sociedade, mas refletir

sobre a visão de Júlia a partir de suas vivências culturais e como sua cultura potencializou a visão negativa que tem sobre os homens.

Júlia esclareceu que os pais nunca privaram suas ações, mas que havia lugares que ela não deveria frequentar e mesmo depois de adulta ela buscou manter o sigilo sobre sua vida. Segundo ela, eles não sabem de quase nada do que acontece em sua vida privada para evitar conflitos. Júlia então separa sua vida pessoal da vida familiar. Podemos considerar essa atitude como parte de sua fragmentação, uma vez que ela separa atitudes de sua cultura que não condizem com quem ela é ou com as quais ela não se identifica. Em outras palavras, essa necessidade de viver uma segunda vida em sigilo revela sua não identificação com a cultura e práticas libanesas, precisando ser quem é em segredo.

Apesar disso, a família (segundo ela: mãe, irmãos, tia e sobrinha) é muito próxima e tem a tradição de se juntarem aos domingos para almoçar. Júlia revela que a mãe preza muito pela união da família e sempre incentivou o vínculo entre os irmãos, enquanto o pai não participa dos eventos familiares e não é presente. Ela desabafa que nunca recebeu afeto do pai e que isso está ligado à cultura, visto que os árabes não costumam ser carinhosos. Júlia e seu pai têm muitos embates e ela acredita que isso aconteça por terem personalidades parecidas.

Segundo Júlia, a maioria (não sendo todos) dos pais libaneses são distantes e não afetuosos e ela sente que teve uma perda grande por conta disso. Sua figura paterna e de referência da herança libanesa é distante, fato que, no caso dela, consequentemente causou distanciamento desse lado de sua identidade. Outra conjectura é, para além da falta de ternura advinda dos ensinamentos da cultura, o efeito que a guerra teve na forma de agir do pai de Júlia que pode tê-lo deixado mais frio.

Aos dezesseis anos, Júlia contou que conheceu um rapaz, também muçulmano. Ela explicou que *era* natural na sua época (esclarece que já não é mais da mesma forma atualmente) as meninas da cultura se casarem cedo, uma vez que para os muçulmanos não existe a cultura do namoro da forma como existe no Brasil. Ela se apaixonou e se casou. Segundo ela, apesar de ter se relacionado com outras pessoas anteriormente, casou virgem por ser muito apegada, na época, às obrigações da religião.

O casamento durou três anos. Ela explicou que não tinha base do que era um casal e nem referências por ter crescido com pais distantes um do outro, além de ser

a primeira entre suas amigas a se casar. Para ela, a visão de casal era distância e pouca comunicação. Com o passar dos anos, ambos perceberam que haviam muitas diferenças entre si e se separaram.

Segundo Júlia, o término do casamento foi sereno e a relação com a família do ex-esposo se manteve saudável apesar do ocorrido. Ela acredita que isso se deve ao fato de que todos foram criados no Brasil e completou:

“Mas assim, eu me dou super bem com a família dele, eu falo, a família dele não parece família de árabe, porque árabe é assim, por exemplo, ah separou? Nossa, vão falar mal de mim e vão nunca mais olhar na minha cara, acho que a maioria das relações são assim quando termina né? Mas ele não, eu sou amiga da família inteira dele, tipo as minhas cunhadas até hoje me chamam de cunhada; porque elas foram criadas aqui, então elas são diferentes e ele era diferente, ele também foi criado aqui”

Júlia, ao falar da atitude das cunhadas, expõe que elas são “diferentes” por terem sido criadas no Brasil. Essa fala indica uma compreensão por parte de Júlia da mescla de culturas como estado de esculpir a forma de pensar do indivíduo que se encontra nela, de forma que a junção de culturas cria uma terceira via sem perder suas singularidades. Ela reconheceu as cunhadas como híbridas culturais e se identifica como parte desse mesmo grupo, afirmando parte de sua identidade.

Após o divórcio, Júlia voltou para a casa dos pais e passou por uma transição árdua, uma vez que havia vivenciado a própria independência durante o casamento. Portanto voltar a casa dos pais e reviver regras que já não faziam mais parte do seu dia a dia foi causa de várias brigas e readaptações. Ela relatou, porém, que recebeu muito apoio dos pais durante o pós-divórcio. Júlia explica que para o povo árabe (não apenas muçulmanos), separar-se é algo “feio” e inaceitável, sendo assim, o apoio dos pais foi essencial em um momento que desenvolveu depressão profunda e ansiedade. Júlia completou que não sabe porque entrou em depressão e disse:

“Nessa parte eu agradeço muito meus pais, assim, eu acredito que meu pai seja assim por causa da minha mãe né, porque ele já é criado assim né, já convive mais com brasileiros, com a família da minha mãe, a minha mãe ali, então ele já mudou um pouco o pensamento”

Júlia, que vivia com seu ex-marido, muçulmano criado no Brasil e, conseqüentemente, com uma mentalidade similar à dela, ou seja, diferente dos

libaneses criados no Líbano, foi inserida mais uma vez, ao se divorciar, dentro de um cenário culturalmente bastante libanês. Ser recolocada dentro de um ambiente com o qual Júlia pouco se identifica e ter que lidar com a intensidade cultural libanesa dentro de casa, se torna motivo de conflitos familiares.

Essa situação de travessia de fronteiras simbólicas através da migração de sua casa (ambiente onde ela tinha liberdade e convivia dentro de seus moldes culturais com outra pessoa de pensamentos similares) para a casa dos pais (ambiente majoritariamente libanês e com dinâmicas de hierarquia familiar advindas da cultura - posição familiar, idade e gênero) causa na Júlia a 'macro-fragmentação' que pode ter sido uma das causas de sua depressão e ansiedade.

Outra questão a salientar é que mais uma vez nos deparamos com a visão positiva que Júlia tem da quebra da cultura inteiramente libanesa com a inserção da cultura brasileira de sua mãe e o efeito disso no acolhimento que pôde receber de seus pais perante o divórcio, circunstância que não teria ocorrido caso ela não fosse mestiça.

Língua

Embora Júlia tenha nascido e crescido no Brasil, ela foi criada em meio à cultura árabe, tendo vivido em um condomínio de árabes e estudado na escola Libanesa-Brasileira. Conforme ela relata, o pai nunca quis aprender o português por completo e não fala muito bem até hoje. A mãe buscou aprender árabe.

Durante a infância de Júlia e a de seus irmãos, ela contou que o pai falava apenas em árabe com eles, ignorando-os por completo caso respondessem em português. Júlia revela que é muito grata por isso, já que hoje é bilíngue, tendo aprendido árabe em casa e português tanto com a mãe quanto na escola.

Ao escolher não aprender o português, o pai adotou a estratégia da separação no quesito da língua e isso reforça a sua herança cultural. O pai de Júlia busca, em seguida, passar essa herança aos filhos, dirigindo-se a eles apenas em árabe e evitando qualquer tipo de comunicação em português. A estratégia aculturativa adotada pelos pais de filhos mestiços exerce influência na exposição e abertura da segunda geração para com as suas culturas de ascendência e isso, por sua vez, pode aumentar ou diminuir o conflito identitário causado neles.

Visto que, apesar da família adotar os costumes libaneses, a língua do país de residência é português, a decisão do pai de evitar a adaptação linguística cria uma barreira cultural dentro de casa entre os filhos, evento que reforça a migração diária entre fronteiras simbólicas. Por outro lado, é graças a essa atitude que os filhos se tornaram bilíngues.

Migração

Quando Júlia visitou o Líbano, conheceu um primo de segundo grau que estava noivo. Um ano depois, quando estava divorciada e ele separado, os dois começaram a conversar e se apaixonaram. Júlia explica que na cultura libanesa os relacionamentos entre primos são frequentes e normalizados.

Ela foi, então, para o Líbano com vinte e dois anos e ficou com seus pais, na casa do irmão de seu pai (chama-o dessa forma pois não o considera tio). Júlia ficou lá durante três meses para ter contato com o rapaz que havia conhecido e em quatro meses, noivou. Para ela, esse período foi bastante difícil. Júlia explicou:

“É, enfim, daí eu fui pro Líbano, e daí eu fiquei - um país diferente, pra mim é um país estranho né, é país do meu pai, mas não era meu país, não é meu país. Eu tinha ido uma vez antes só, né, antes da segunda vez; é um povo totalmente diferente porque querendo ou não, eu to acostumada com os libaneses daqui né, não de lá, que já é essa mistura né, igual eu vivo, essa mistura com a cultura daqui”

O relato de Júlia dá bastante ênfase à distância que sente em relação à cultura libanesa ao afirmar que o Líbano não é seu país. Ela se localizou socialmente através de sua identidade mestiça, resultado da mescla de culturas que compõem seu quadro de referências e mais uma vez se identifica como parte de um grupo que é culturalmente híbrido, sendo eles os libaneses não necessariamente mestiços, mas criados dentro de um contexto cultural duplo (país de residência x cultura de origem).

Júlia relatou que as brigas entre ela e Said, seu noivo, começaram cedo, mas nunca havia se apaixonado tão intensamente antes. O pai de Said, era polígamo, casado com a mãe de seu ex e com uma outra mulher, com quem morava. Toda a família morava no mesmo edifício, sendo o primeiro andar do pai de Said e sua outra mulher; o segundo de Júlia e Said e o terceiro da mãe de Said e as irmãs dele.

Said, segundo Júlia, é o único filho homem da família e, como o pai se casou com outra mulher e escolheu morar com ela, Said fazia o papel de “homem da casa”. Júlia conta que a mãe dele é uma pessoa leiga, não tendo vivido muitas experiências e nem visitado lugares como restaurantes, shoppings, etc. portanto o filho é presente para tudo. Segundo ela, a mãe de Said é leiga em todos os assuntos, menos religião, que segue fiel e corretamente.

Júlia explicou que, além de ser uma cultura machista e ter participado da guerra, Said era o único homem da casa, então tornou-se o centro da família até o momento em que ela chegou. Ela relatou que passou por muitas situações de ciúmes por parte das mulheres da família e completou:

“Tudo rodava em torno dele, ele era super paparicado. Tudo era ‘o Said, o Said, o Said’. Aí chegou Júlia. Quando a gente noivou, começaram brincadeiras do tipo “ah, agora é só Júlia”

Houve muitas brigas entre os dois, sendo o assunto principal a mãe. Júlia contou que Said sempre começava as discussões questionando, como por exemplo “por quê Júlia estava ‘estranha’ com a mãe dele, apesar das relações estarem normais e o tratamento de ambas não sofrer alterações pessoalmente. Júlia comenta que achava estranho o assunto e não entendia de onde surgiam esses questionamentos.

Um dia antes de casar, houve uma briga causada por um mal entendimento. Said havia dito para deixar o cobertor do casal com a mãe para que ela o lavasse. Júlia, porém, tendo em vista a sua criação e a preocupação de “não dar trabalho” falou que o lavaria ao chegar em casa. O incidente foi uma ofensa à mãe. Júlia esclarece que na cultura árabe, a mãe é uma figura divina e, conseqüentemente, a ofensa levou a uma briga fervorosa entre o casal a ponto do casamento quase ser cancelado. Ainda assim, ela conta que estava muito apaixonada e decidiu seguir em frente.

Júlia, por ter crescido em um ambiente cultural duplo, por um lado tinha uma visão de mundo ampla que parte de duas referências culturais distintas. Mas por outro lado, ela cresceu com ambas as culturas de forma fragmentada, não completa e, conseqüentemente, não se torna imune aos choques culturais como é o caso ao lidar com uma dinâmica familiar diferente da dela, regida completamente por raízes libanesas e dentro de um contexto machista.

Quando ela era mais nova, Júlia contou que sempre foi muito próxima da religião, fazendo as rezas cinco vezes ao dia, conforme a tradição correta; lia o Alcorão e dizia que um dia usaria o véu. Ela sempre teve a intenção de usá-lo, mas conta que faltava um incentivo para que isso se concretizasse. No dia do noivado, Júlia usou o véu e revela que não era esperado por ninguém, pois nunca havia demonstrado esse seu lado que era próximo da religião para ninguém.

Após um mês de casada, as brigas se intensificaram e ela contou que, apesar do marido ser mais carinhoso que a maioria dos homens libaneses, Said era muito explosivo e completou:

“qualquer briguinha que acontecia, ele falava pra mim ‘a hora que você quiser, guarda as suas coisas e vai embora’”

No segundo mês de casada, o seu pai foi embora e ela ficou sozinha no Líbano com o seu marido. Júlia contou que sua vida começou a virar “um inferno”, vivenciando brigas diariamente, sempre sobre a mãe de Said e sem apoio da parte de sua família que vivia no Líbano. Segundo ela, a vida se tornou inteiramente vivida pelo marido, que saía para trabalhar, enquanto Júlia ficava em casa, cozinhando para ele e fazendo tudo aquilo que a família precisava. Como o trabalho de Said era em outra cidade, as brigas aconteciam, ele se retirava e Júlia dormia sozinha, vendo-o apenas durante as refeições. Ela contou que a experiência causou muita solidão, fazendo-a perder peso demasiadamente e entrar em depressão e acrescentou:

“As únicas pessoas que eu tinha lá, vai ser engraçado eu falar isso, mas as únicas pessoas que eu tinha lá eram as amigas da minha mãe que são argentinas, paraguaias e brasileiras, casadas com árabe que moram lá. Eram as únicas que me ligavam e ‘Júlia, você precisa de alguma coisa, eu te levo, eu te busco’ eram as únicas”

Veneziano (2011) apresenta a rede social de um indivíduo como parte intrínseca de sua identidade e cita a visão de Borba (2008) quando evidencia que a migração resulta na desconstrução da rede social e consequente sobrecarga na relação conjugal. Portanto, no momento em que os pais de Júlia voltam para o Brasil e ela fica sozinha, buscando o apoio do marido que não o fornece, Júlia passa por grandes conflitos emocionais e solidão.

Além disso, segundo Dantas (2012), o processo de expatriação cria uma ruptura no universo simbólico do migrante e isso, por sua vez, resulta em crise por vivenciar diversas perdas abstratas e concretas. Júlia, ao emigrar e vivenciar seus conflitos internos e sociais, encontrou acolhimento dentro de um grupo de mulheres que também eram estrangeiras, ou seja, imigrantes que passaram por perdas subjetivas e objetivas do processo de expatriação, tornando-se, dentro desse contexto, iguais sob o mesmo ponto de vista.

Júlia relatou que foi muito presente na vida da família de Said. Ela cozinhava para suas cunhadas, cuidava da filha pequena de sua cunhada, fazia-se presente na vida da sogra e pensava que precisava fazer tudo pela família dele porque, segundo ela, achava que havia algo errado com ela por não se adaptar à dinâmica familiar e aos desejos e costumes deles e que estava errada por isso.

Além de lidar com suas perdas simbólicas, Júlia precisou se reinventar dentro da cultura em que adentrou, mas não se reconheceu como parte integrante das dinâmicas culturais do Líbano. Novamente vivencia uma macro-fragmentação. Júlia sente que “deveria” se adaptar à dinâmica de sua nova família visto que é metade libanesa, mas não consegue já que seu referencial simbólico é diferente, colocando a sua identidade em cheque e causando sentimento de culpa. Ela tentou, então, compensar a sua fragmentação fazendo tudo que podia pela família de Said.

Júlia contou sobre um incidente em que, após alguns meses de casada, a sogra, tia e mais uma irmã se juntaram, chamaram Said para uma conversa e logo em seguida a Júlia. Ela conta que as mulheres a culparam por tudo que estava errado com Said. Ela explicou:

“Aí o Said olhou pra elas e disse, ‘vocês terminaram com a minha relação, vocês estão felizes? Agora quando a Júlia ir pro Brasil, a gente vai se separar, eu não quero mais ela, vocês estão felizes agora?’”

Para Júlia, que estava acostumada com o pai sempre defendendo a mãe, ela contou que o acontecimento foi muito difícil. O casamento durou seis meses. Ao visitar o Brasil, Júlia trouxe todas as suas coisas e nunca mais voltou para o Líbano e completou:

“Isso foi a minha relação, sabe, acabou por pura inveja e por isso que eu falo que os Libaneses é um povo muito invejoso e quando eles

casam, a mãe do rapaz normalmente dá muito problema, sabe, porque fica assim na cabeça do rapaz, entende? E hoje eu agradeço com todas as minhas forças que aconteceu isso, porque eu não ia conseguir viver lá e com aquele povo, que é um povo totalmente diferente, entendeu?”

Existe uma diferença bastante marcante entre as culturas, mas mais ainda quando se coloca a oriental e a ocidental em dialogismo. Ambas têm valores e interpretações de mundo contrastantes, causando choques culturais intensos que, por sua vez, podem causar distanciamento entre as pessoas. O machismo e a conduta de colocar a mãe como figura incontestável e intocável foram os maiores pontos de choque e impacto cultural vivenciados por Júlia, alinhado com as crises identitárias que permearam todo o seu tempo de estadia.

Entre a comunidade árabe, o seu segundo divórcio foi causa de comentários e fofocas. Ela explica que separar-se não é normal dentro da cultura e ter feito isso duas vezes motivou muitos julgamentos. Ela teve, entretanto, o apoio de seus pais durante o período mais uma vez.

Júlia revelou que ao voltar para o Brasil, ela se distanciou completamente da religião. Segundo ela, a família de Said era de fé intensa e a convivência com eles a fez ver muita hipocrisia. Ela conta que, apesar de achar errado, ela associou o islamismo à família de Said e esse foi um dos motivos por querer tirar o véu que usava.

Assim que voltou ao Brasil, Júlia contou que não fazia mais as suas rezas, não lia o Alcorão, passou a usar roupas muito curtas e todas essas coisas, segundo ela, não condizem com o véu, portanto sentia-se hipócrita de usá-lo e não representá-lo da forma como deveria. O véu passou a ser um símbolo que fazia mal a ela.

Júlia usou o véu durante dois anos no Brasil e a decisão de tirá-lo causou repercussão em sua casa. A mãe foi contra e ficou decepcionada por bastante tempo. Júlia conta que a decepção da mãe não estava ligada à atitude de tirar o véu, mas com a preocupação do que a comunidade árabe pensaria, “mesmo sendo brasileira”. Segundo Júlia, muitos pensamentos por parte da mãe são libaneses por conviver no meio, pensamentos como a grande preocupação com a opinião alheia.

O pai de Júlia viajou para o Líbano e ainda não a viu sem véu. Ela contou, contudo, que enviou um áudio explicando a sua decisão e ele a respondeu apenas

um mês depois (devido à cobranças dela) de forma grossa. Segundo ela, a atitude também está mais ligada à preocupação da opinião alheia do que à atitude de tirar o véu em si.

Júlia contou que a relação com o seu irmão mais velho, Vitor, sempre foi muito boa e teve seu apoio, o que para ela foi muito importante e disse que:

“Ele falou, ‘ah Júlia, eu fico triste, mas você é minha irmã, eu vou te amar de qualquer jeito, fico triste, não gostaria, mas se você acredita que é o melhor pra você, tudo bem’”

Ela explicou que começou a se sentir muito melhor e mais leve depois que tirou o véu, abrindo espaço para se aproximar mais uma vez de sua religião. Desde sua adolescência Júlia não se identificava muito com o seu lado libanês. Mas a expatriação e as vivências no Líbano com o seu segundo marido causaram uma distância eminente para com esse lado de sua herança cultural e para com a sua religião, causando uma revolta ao voltar para o Brasil. Isso revela, para além dos traumas que viveu, como as tradições e costumes que praticava no Líbano não estavam alinhados com quem Júlia era em seu íntimo e com as suas identificações e esclareceu:

“foi um alívio quando eu tirei, falei nossa, agora sou eu mesmo”

Preconceito

Júlia relatou que sua cultura nunca foi alvo de preconceito dentro da rede de pessoas que conhece. Ela comenta, porém, que sua mãe sofreu incidentes após o ataque às torres gêmeas, visto que já usava o véu na época, tendo sido alvo de xingamentos e ter passado pela situação de cuspirem em seu rosto ao caminhar na rua com o véu.

Júlia contou que suas amigas têm dificuldade de encontrar empregos pelo simples fato de usarem o véu e que existe uma distinção clara entre pessoas que o usam e pessoas que não, independentemente de suas qualificações. Contudo, Júlia conta que pessoalmente nunca passou por situações de preconceito por sua cultura e que sua rede foi sempre muito receptiva, inclusive quando a viram com o véu.

Uma questão que facilitou a situação, ela conta, é o fato da família ser dona do próprio negócio e ela poder trabalhar diretamente com isso.

No Líbano, ela explicou que não sentiu preconceito, mas que sua criação era causa de estranhamento para os libaneses que com ela conviviam, sendo estrangeira aqui e lá e completou:

“eles me achavam estranha, eu acho que porque eu era criada aqui né, é outra criação”

Identidade multicultural

Júlia relatou que sente choques culturais desde o momento em que se tornou “mocinha” (por volta dos nove anos de idade). Até então, não havia ou não sentia diferenças em relação a um brasileiro. A partir dos dez, ela já tinha restrições de vestimentas por conta da sua religião e cultura. Na fase dos treze, Júlia teve uma ruptura com o seu lado libanês, chamando essa fase de “rebelde”. Ela contou que foi um momento de muita comparação com a liberdade dos outros. Neste quesito, ela afirmou:

“Eu lembro muito bem assim, que eu sempre falava pra minha mãe ‘por que que você casou com um árabe??’, ‘essa vida’ e não sei o que, tipo, eu me questionava muito sabe? Porque que as outras pessoas têm liberdade e eu não tenho, por exemplo?”

Sua vida foi sempre de poucas amizades, tendo duas melhores amigas, ambas filhas de libaneses que “são como ela”. As amigas brasileiras surgiram apenas na sua fase adulta. Para Júlia atualmente, a distância da comunidade libanesa é preferível, buscando evitar o povo (especificamente libanês, Júlia faz uma distinção clara dos outros povos árabes) e explica:

“Geralmente os árabes se conhecem aqui né, pode passar mil árabes aqui que eu não vou conhecer, porque eu não tenho essa relação tipo, EU não quero ter, entendeu? Desde pequena, não, eu não quero ter e acabou, entende? Antes eu achava importante, ‘não, a gente tem que conhecer e não sei o que’, hoje não, eu prefiro evitar sinceramente. O povo libanês é um povo muito invejoso, que vai te olhar com arrogância, vai achar que ele é sempre melhor que você”

Júlia não se reconhece dentro dos dois universos culturais que compõem seu quadro de referências simbólicas. Existe dentro dela a vontade de separar-se da cultura libanesa, mas não de modo a se apegar à cultura brasileira. Ela se encontra em situação de marginalização cultural, suspensa entre as suas culturas de forma que não quer manter sua herança cultural libanesa, mas ao mesmo tempo sem se identificar com a brasileira. Júlia se reconhece como 'da fronteira', sempre se referindo ao seu grupo cultural como indivíduos cuja mentalidade é construída a partir da mescla de culturas, da mestiçagem.

Segundo Júlia, a sua família é diferente das outras famílias libanesas. Ela explica que existe uma grande questão de superioridade que odeia na comunidade e acredita ser diferente graças a criação materna. Júlia revela que o pai é mais humildade em comparação à maior parte da comunidade libanesa, mas para ela, "quem cria é a mãe" e acrescentou:

"Como a gente foi criado por uma mãe brasileira, a gente sofre um pouco com isso, sabe, a gente não é acostumado com isso, de pessoas serem assim, ou de achar normal pessoas assim, ou de achar normal alguém não tratar, por exemplo, um garçom, ou tratar alguém que trabalha na sua casa, ou tratar um porteiro bem"

Ao falar sobre os seus divórcios, ela comentou que por ser uma pessoa que não se importa com a opinião alheia e por não ter relação com a comunidade árabe, foi possível seguir em frente com a sua decisão, pois caso contrário, ainda estaria no primeiro casamento, independentemente da infelicidade. Além disso, ela colocou bastante ênfase no apoio que recebeu dos pais em ambos os divórcios, revelando uma preocupação maior por ela do que com a opinião da comunidade, como seria o normal, segundo ela:

"Os árabes ligam muito pro o que que o outro vai falar? O que que a pessoa vai falar? 'Nossa eu tenho uma filha separada' não sei o que. Os meus pais nunca ligaram pra isso, isso eu dou graças a Deus sabe? (...) Eu prefiro ficar sozinha a vida inteira do que viver infeliz, mas é que eu tenho pais assim e meu pai só é assim por causa da minha mãe, eu tenho certeza absoluta disso. Porque se meu pai fosse casado com uma libanesa, ele não teria esses pensamentos"

Ainda sobre seus divórcios, Júlia revelou que ao voltar para a casa dos pais e passar por crises de ansiedade e depressão, ela descobriu em terapia que tinha

dependência por relações graças a ausência da figura masculina na sua vida, que buscava a figura paterna nos relacionamentos. Segundo ela, a maioria (não sendo regra) dos pais dentro da comunidade árabe são distantes da mesma forma. Entretanto, ressalta que isso vem mudando dentro da segunda geração de imigrantes, juntamente com a quantidade de restrições e afirmou:

“eu digo os que vieram de lá, eu acho que quem é nascido aqui e é criado aqui tá ficando um pouco diferente já né, igual meus irmãos, por exemplo, eu acho que eles já são diferentes, sabe?”

Júlia contou sobre a desconstrução que viveu após ter voltado de seu segundo casamento no Líbano. Ela revelou que tinha muitos preconceitos em relação aos brasileiros e antes aceitava somente a endogamia, mas tendo se casado e divorciado com dois libaneses, seus conceitos mudaram e houve uma abertura à integração matrimonial com a cultura brasileira.

Além da distinção da geração nascida no Líbano e a criada no Brasil, Júlia comentou também sobre a diferença clara de restrições para com as mulheres da comunidade que vivem no Brasil e as que vivem no Líbano. Segundo ela, jovens libanesas ou descendentes de libaneses que vivem no Brasil, passam por maiores proibições do que as que vivem no Líbano. Ela comentou:

“Lá no Líbano, as mulheres podem sair sozinhas, ir para bares de hookah, é um país 24h - e a mulher sair de madrugada fumar arguile com as amigas é normal, morar sozinha pra fazer faculdade é normal, mas aqui no Brasil esse tipo de comportamento não pode”

Para Júlia, é preferível manter distância da comunidade árabe. Principalmente após a sua vivência no Líbano. Ela comentou, por exemplo, que mora em um condomínio de árabes e felizmente está no primeiro andar, pois dessa maneira, ela não precisa pegar o elevador e interagir com outros libaneses, explicando:

“isso é bom também porque a gente não tem contato com os libaneses do prédio, a gente não tem contato com ninguém, tipo, se você me perguntar ‘ai você conhece tal fulano que mora no prédio?’, não, eu não conheço. Só conheço uma árabe que eu gosto lá, só. Que é bem assim igual a gente, o resto eu não conheço ninguém”

Ela contou que se identifica com suas culturas de forma misturada, mas atualmente apenas vive aquilo que faz bem a ela, sem se preocupar com as referências culturais que compõem sua ascendência. Entretanto revelou que alguns valores libaneses estão enraizados, como o cavalheirismo do homem e a necessidade dele sustentar a casa financeiramente, achando estranho dividir contas, apesar de entender a prática; a hierarquia familiar e o respeito para com a voz dos mais velhos.

Apesar da fragmentação na sua identidade, sentindo-se a 'outra' em ambas as suas culturas, Júlia guarda valores de ambas. Portanto existe um movimento de não identificação, mas de internalização de valores e tradições de ambos os seus universos simbólicos simultaneamente, de forma que seu posicionamento cultural interno e inconsciente seja independente de suas identificações.

Considerações finais

A experiência de viver dentro de universos culturais múltiplos faz parte de quem sou e isso causou grandes inquietações, no decorrer da minha vida, sobre quem sou e onde pertencço. O tema da monografia surgiu a partir dessas inquietações, em busca de compreender a formação identitária dos filhos mestiços enquanto indivíduos multiculturais, identificando os impactos da pluralidade cultural em suas vidas. Assim como eu, existem milhares de jovens que passam por esse cenário e pelo conseqüente conflito e dificuldade de se sentir pertencentes perante a complexidade cultural que compõem o nosso repertório simbólico.

Para a realização da monografia, encontrei no “método de história de vida” uma estratégia que permitiu que a história partisse dos filhos mestiços, podendo captar a subjetividade de cada narrativa, acessando o universo simbólico dos participantes. Buscou-se compreender a subjetividade de cada narrativa para então acessar a história coletiva e a realidade que ultrapassa o narrador, como será apresentado neste campo.

O filho mestiço é o resultado de encontros multiculturais, cada vez mais frequentes no contexto da globalização. A construção de identidade de indivíduos cujas referências culturais são múltiplas e às vezes contrastantes, atravessando fronteiras simbólicas e geográficas no decorrer da vida, passa por momentos de crise e fragmentação, mas também permite obter ganhos incomparáveis quando o relacionamento com seus quadros de referências é saudável.

A exposição dos filhos mestiços que participaram da pesquisa têm com as suas culturas de ascendência, depende diretamente da estratégia de aculturação entre seus pais e de seus pais para com o país de residência, como pudemos notar nas narrativas. É a partir da forma como os pais se aculturaram que se cria a dinâmica cultural familiar.

Adotar a estratégia da separação da cultura do país de residência pode criar uma barreira cultural na vida dos filhos, aumentando o impacto e choque cultural sentido dentro e fora de casa, como foi o caso de Júlia (com o pai). Já a estratégia da assimilação resulta em uma exposição direta à cultura de origem menor, mas não necessariamente diminui o conflito identitário do filho mestiço, como vimos no caso de Sofia (com o pai) e de Júlia (com a mãe). Quando os pais são capazes de fazer a integração das culturas, como no caso de Ayush, é maior a tendência do filho

mestiço de tornar-se intercultural, visto que ele cresce dentro de uma pluralidade cultural saudável, sem obstruir as suas diferenças e entrelaçando os seus universos culturais. Entretanto, a negociação entre as identidades é uma atividade infinita.

Vale ressaltar que o nível de exposição cultural não é proporcional ao grau de identificação com a cultura em questão. É interessante notar como no caso de Ayush, que apesar de ter tido pouca exposição ao seu lado indiano, é essa a identidade cultural com a qual ele mais se identifica. Sofia, que cresceu em um ambiente no qual o pai se aculturou ao Brasil, se identifica de forma bastante mesclada com ambas as suas culturas. Júlia se encontrou em estado de marginalização, a despeito de ter vivido uma imersão profunda na cultura libanesa desde pequena.

Segundo as narrativas transmitiram, o momento em que os indivíduos se reconhecem inseridos em uma cultura e, conseqüentemente no caso dos mestiços, se deparam com conflitos culturais é após a segunda infância, onde passam a surgir as comparações com outros indivíduos imersos na cultura do país de residência.

Atravessar fronteiras culturais diariamente coloca em cheque a questão de quem se é visto que a cultura e o dispositivo da nação executam um papel determinante no sentimento de pertencimento individual e na memória coletiva de um povo. Viver em dois ou mais territórios culturais e geográficos pode causar um desenraizamento de forma que o indivíduo se sente estrangeiro em todos os grupos culturais que fazem parte de quem ele é.

Em um contexto de globalização, onde nos deparamos com o que Hall (2011) chama de homogeneidade cultural e a diluição de algumas fronteiras, Ribeiro (2005, p.480, apud WEISSMANN, 2016, p.32) aponta sobre como a abolição de fronteiras é, ao mesmo tempo, a redefinição e deslocamento das mesmas, de modo que a superação delas só ocorre por meio da produção de outras fronteiras.

Diante da pluralidade cultural inerente a eles, os jovens mestiços se identificam e se distinguem dos seus grupos culturais, de forma a se sentirem parte e alteridade simultaneamente de um mesmo grupo, sendo a inclusão e exclusão entrelaçados. Por um lado, eles são globais, mas por outro, 'macro-fragmentados', definição por mim criada, sendo que os conflitos identitários desses jovens não são somente originários da overdose de identificações possíveis no contexto de pós-modernidade, mas também provenientes da bifurcação ou trifurcação das suas raízes culturais e nacionais.

É importante expor que, apesar da crise de identidade causada pelo duplo ou triplo quadro de referências culturais, o filho mestiço colhe muitos ganhos da riqueza cultural. A começar pela linguagem: eles são expostos e aprendem mais de uma língua, adquirindo, conseqüentemente, interpretações de mundo distintas, uma vez que a cognição e a língua estão intrinsecamente ligadas.

O mestiço tem contato desde cedo com uma diversidade cultural que o fornece com um capital simbólico rico, sendo introduzido a diferentes culinárias, religiões, costumes e tradições, todos colaborando para uma visão de mundo mais ampla, independentemente da forma como ele se reconhece aculturado.

Outro ponto interessante é a capacidade de viver e ter abertura ao diferente, uma vez que ele se reconhece dentro da situação de alteridade em todos os lugares. Portanto, isso pode torná-lo mais empático e com maior capacidade de compreender os indivíduos inseridos em duas ou três culturas que fazem parte de seu referencial. A visão de mundo pode ser mais ampla e a mentalidade, propensa a ser global.

Além disso, por cruzar universos simbólicos frequentemente, os mestiços desenvolvem uma habilidade de adaptação que parte da criação de uma cultura própria para lidar com todo o aprendizado cultural, fazendo com que seja construída uma colagem de várias partes diferentes e semelhantes de cada cultura. Segundo Nuss (2001, p.104), a mestiçagem tem a lógica da iconografia cubista: "quebrar as formas e juntar os fragmentos para construir uma nova composição que guarda a marca da fratura".

Por fim, é necessário pontuar que os ganhos dessas vivências não podem ser naturalizados, uma vez que a negociação entre as identidades advindas da diversidade de quadros referenciais é uma atividade que acompanha o mestiço durante todo o seu percurso de vida, dentro de todos os grupos culturais em que se encontra, adaptando-se incansavelmente.

Ser mestiço é viver, em algum momento, em conflito com o quadro de referências de quem se é. De busca por um pertencimento que não é inerente a ele. Mas também pode ser sobre criar uma nova via entre o homogêneo e o heterogêneo, a fusão e a fragmentação. É personificar-se da globalização e metaforizar a união, ainda que em busca de compreender-se.

Referências

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: EDUSC, 1999.

DANTAS, Sylvia Duarte. Saúde mental e Interculturalidade: Implicações e Novas Proposições diante dos Desafios em Tempos de Globalização. In: DANTAS, Sylvia Duarte (org). Diálogos Interculturais: Reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

FLORY, Elizabete Villibor. “Na outra Língua se Diz...”: Um Estudo de Caso sobre o Falar Bilíngue. In: DANTAS, Sylvia Duarte (org). Diálogos Interculturais: Reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

GONZÁLEZ, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés de. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. Cad. EBAPE.BR, V.9, nº 4, artigo 10, Rio de Janeiro, Dezembro, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2011.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. 1996. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e Diferença. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HARARI, Yuval. Sapiens: Uma Breve História da Humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. 29ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

JENKINS, Richard. Social Identity. 1ª ed. London: Routledge, 1996.

NOUSS, Alexis. Transculturação, mestiçagem e singularidade. Revista de Ciências Sociais: RSC, v.33, nº.2, p.104-114, 2002.

QUINET, Antonio. O outro em Lacan. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RESTREPO, Eduardo. Intervenciones en teoría cultural. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2012.

RIBEIRO, Mara Cristina; MACHADO, Ana Lúcia. O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.14, nº.2, p.578-591, 2014

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VENEZIANO, Polyana de Souza. Filhos da Globalização: a vivência dos filhos de pais expatriados. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

WEISSMANN, Lisette. Interculturalidade e vínculos familiares: uma intervenção psicossocial. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. 1997. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e Diferença. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.